

GREICY GANDRA SOARES PRAZERES

*A Assistência à Família: a experiência de uma  
construção interdisciplinar*

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL  
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 20/10/2003

  
Prof.<sup>a</sup> Krystyna Matys Costa  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Serviço  
Social da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito para a obtenção do  
título de Bacharel em Serviço Social.

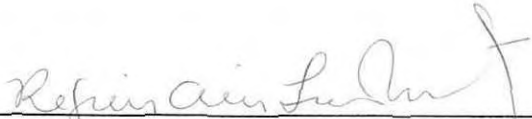
Orientadora: Professora Doutora Regina  
Célia Tamasso Mioto  
Co-orientadora: Mestranda Cristiane da  
Silva de Jesus

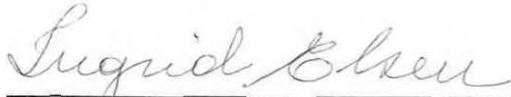
FLORIANÓPOLIS, 2003

GREICY GANDRA SOARES PRAZERES

A ASSISTÊNCIA À FAMÍLIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA CONSTRUÇÃO  
INTERDISCIPLINAR

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, do Departamento de Serviço Social, do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal de Santa Catarina.

  
Dra. Regina Célia Tamaso Mioto (UFSC)

  
Dra. Ingrid Elsen (Coordenadora do LEIFAMS)

  
Kátia Madeira (UFSC)

Florianópolis, fevereiro de 2003.

*Dedico este trabalho à minha família, meus pais, irmãos e cunhadas, sobrinho, esposo e filho. Em especial à minha mãe, que há aproximadamente 29 anos largou a faculdade de Serviço Social para dedicar-se aos filhos.*

## *Agradecimentos*

*A Deus, que me concedeu o Dom da Vida, e a quem pude recorrer em todos os momentos...*

*Aos meus pais, irmãos e cunhadas, que deram a oportunidade e o entusiasmo para iniciar e continuar esta caminhada durante os quatro anos de curso...*

*Ao Fausto, meu esposo, companheiro e ajudante, tanto nas tarefas domésticas como nas atividades profissionais, que com muita paciência e compreensão soube me ouvir quando eu precisava falar, e soube falar quando eu precisava ouvir...*

*Ao meu sobrinho, Luís Felipe, que soube me distrair e divertir durante os momentos de inquietação e desesperança...*

*Ao meu filho, que sabiamente ficou esperando em meu ventre, sem reclamar das noites mal-dormidas e das horas em frente ao computador...*

*Aos meus amigos do Movimento Água Viva Jovem, que durante estes quatro anos me proporcionaram momentos de encontro, de alegria e descontração...*

*As pessoas envolvidas com o projeto, Dra. Ingrid Elsen, e as profissionais Wanda Beatriz Elsen Barcellos, Karla Terezinha Rosa, Cristiane da Silva de Jesus, que me oportunizaram esta experiência e que acreditaram em meu potencial...*

*À Cristiane da Silva de Jesus, pela indicação ao projeto, pela orientação durante o estágio, pela co-orientação deste trabalho, pelos ensinamentos da profissão, e pela amizade que cativa...*

*À orientadora Professora Doutora Regina Célia Tamaso Mioto, pelos ensinamentos, pela compreensão e pela paciência que teve comigo durante este período...*

*Às colegas de turma, que nunca desanimaram e impediram-me de desanimar nos períodos turbulentos...*

*Enfim, a todos que estiveram presentes nestes quatro anos de faculdade e que me ensinaram um pouco mais da vida e da prática profissional...*

*A todos... Muito Obrigada!*

## SUMÁRIO

RESUMO .....	07
INTRODUÇÃO .....	08
<b>CAPÍTULO 1 A FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>11</b>
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA .....	12
2 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO CUIDADO .....	19
2.1 O cuidado na família .....	19
2.2 O cuidado da família .....	25
3 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO SERVIÇO SOCIAL .....	29
<b>CAPÍTULO 2 A CONSTRUÇÃO INTERDISCIPLINAR DA ASSISTÊNCIA ÀS FAMÍLIAS – O GAPEFAM .....</b>	<b>34</b>
1 A PROPOSTA DO LEIFAMS .....	38
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....	40
2.1 Interdisciplinaridade .....	40
2.2 Família .....	41
2.3 Grupos .....	44
<b>CAPÍTULO 3 A DESCRIÇÃO DE UM GRUPO .....</b>	<b>48</b>
1 A PROPOSTA DO GRUPO .....	49
1.1 Os participantes do grupo .....	50
1.2 A duração do grupo .....	51
2 A FORMAÇÃO DO GRUPO .....	51
3 A VIDA DO GRUPO .....	54
3.1 O primeiro encontro .....	55
3.1.1 A preparação .....	55
3.1.2 O encontro .....	56
3.1.3 A avaliação .....	59
3.2 O segundo encontro .....	60
3.2.1 A preparação .....	60
3.2.2 O encontro .....	61
3.2.3 A avaliação .....	64
3.3 O terceiro encontro .....	65
3.3.1 A preparação .....	65
3.3.2 O encontro .....	66
3.3.3 A avaliação .....	69
3.4 O quarto encontro .....	69
3.4.1 A preparação .....	69

3.4.2	<i>O encontro</i> .....	70
3.4.3	<i>A avaliação</i> .....	73
<b>3.5</b>	<b>O quinto encontro</b> .....	74
3.5.1	<i>A preparação</i> .....	74
3.5.2	<i>O encontro</i> .....	75
3.5.3	<i>A avaliação</i> .....	77
<b>3.6</b>	<b>O sexto encontro</b> .....	78
3.6.1	<i>A preparação</i> .....	78
3.6.2	<i>O encontro</i> .....	78
3.6.3	<i>A avaliação</i> .....	81
<b>3.7</b>	<b>O sétimo encontro</b> .....	82
3.7.1	<i>A preparação</i> .....	82
3.7.2	<i>O encontro</i> .....	82
3.7.3	<i>A avaliação</i> .....	85
4	A AVALIAÇÃO .....	86
5	UMA ANÁLISE SOBRE A ASSISTÊNCIA INTERDISCIPLINAR À FAMÍLIA .....	87
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....		93
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....		96
 <b>ANEXOS</b> .....		100
<b>Anexo 1</b>	Organograma do LEIFAMS .....	101
<b>Anexo 2</b>	I° ENCONTRO .....	103
<b>Anexo 3</b>	II° ENCONTRO .....	106
<b>Anexo 4</b>	III° ENCONTRO .....	112
<b>Anexo 5</b>	IV° ENCONTRO .....	122
<b>Anexo 6</b>	V° ENCONTRO .....	129
<b>Anexo 7</b>	VI° ENCONTRO .....	134
<b>Anexo 8</b>	VII° ENCONTRO .....	139

## RESUMO

A família como objeto de estudo, vem sendo pesquisada e trabalhada por diferentes áreas do conhecimento ao longo dos tempos. Considerada por estes pesquisadores como uma construção histórica, a família pode se apresentar de várias formas, variando em sua organização e nas relações que mantêm, tanto com o contexto interno como com o meio externo, não cabendo a ela uma conceituação exata e tampouco a definição de modelos ideais. Tanta complexidade tem levado os estudiosos a apontar a interdisciplinaridade como uma alternativa para estudar e trabalhar esta instituição, uma vez que possibilitaria a interlocução de várias disciplinas e a criação de um novo conhecimento que possa abarcar as questões referentes à família. Este trabalho pretende expor sobre o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar de assistência a famílias, realizado através de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. Num primeiro momento discorreremos sobre a família na contemporaneidade, levantando alguns aspectos referentes aos diferentes aportes teóricos que a abordam; sobre a família no contexto do cuidado, enquanto promotora deste aos seus membros ou receptora dos cuidados oferecidos pelo Estado (Políticas Públicas); e por fim, apresentamos a forma como ela aparece para o Serviço Social e as ações desenvolvidas por estes profissionais. Em seguida, apresentamos o grupo de pesquisa que criou o projeto, e a forma como foi construída e escolhida a metodologia a ser empregada no trabalho com as famílias. A assistência as famílias aconteceu através de oficinas interdisciplinares, realizadas quinzenalmente por um período de 4 (quatro) meses, onde se faziam presentes profissionais do Serviço Social, da Psicologia e da Enfermagem. No terceiro e último capítulo, descrevemos como aconteceram estas oficinas com as famílias, a forma como foram preparados os encontros, a escolha das temáticas, das técnicas, dinâmicas e vivências trabalhadas, o andamento do grupo e as avaliações da equipe. Após a realização deste, várias considerações podem ser levantadas em relação ao trabalho com famílias: a mesma não participa em sua totalidade, mas sim somente alguns membros (e geralmente a mulher), o que consistiu em um desafio para a equipe, já que se pretendia não perder de vista que o trabalho era focalizado para o grupo familiar; no grupo, os participantes traziam questões do seu cotidiano e não somente as situações emergenciais, podendo a equipe trabalhar na perspectiva da prevenção de algumas crises/conflitos; as dificuldades encontradas pelos profissionais, por se tratar de um conhecimento novo e de uma forma diferente de trabalhar em equipe, que exigiu dos mesmos uma nova postura frente às outras disciplinas, a fim de construir a interdisciplinaridade, entre outras questões que serão abordadas durante este trabalho.

## INTRODUÇÃO

A família, como foco de atenção profissional, sempre esteve inserida na prática dos Assistentes Sociais, desde o início da profissão. Após vários estudos, esta prática vêm sendo aperfeiçoada para dar conta das questões que envolvem este tema. Estes estudos encontram-se em várias ciências e disciplinas, como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, e mais recentemente no Serviço Social.

Através destes estudos e pesquisas, têm-se constatado a complexidade da família, dado o emaranhado de situações e relações que mantêm, tanto no seu contexto interno (relação com seus pares), como no seu contexto externo (relação com o meio em que se insere). Além disto, estes estudos têm mostrado que a idéia de um modelo ideal de família não demonstra a realidade encontrada, uma vez que há uma heterogeneidade de arranjos familiares existentes na sociedade.

Com isto, alguns autores têm demonstrado que para trabalhar a família em sua totalidade (contexto interno e externo), seria necessário uma ação interdisciplinar, onde várias disciplinas possam estar, juntas, auxiliando a mesma na resolução dos seus conflitos/crises. Tal proposta apresenta-se para alguns pesquisadores e profissionais, como um desafio, visto a diferença entre as disciplinas e ainda a disposição dos profissionais em compartilhar seus saberes.



Este desafio gerou em alguns pesquisadores a idéia de criar um projeto que pudesse articular a pesquisa e a assistência interdisciplinar às famílias. O projeto, enviado ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), denomina-se “*Laboratório de saúde familiar e cidadania: propondo modelos assistenciais e construindo um processo de trabalho interdisciplinar*” (ELSEN et al 1999), em que se encontram pesquisadores da área do Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, entre outras.

Este trabalho se insere neste projeto, e nele descreveremos a trajetória da construção de uma metodologia interdisciplinar de atenção às famílias, que foi realizado através de um laboratório que se denomina *Laboratório de Estudos e Práticas Interdisciplinares em Família e Saúde* (LEIFAMS). Este laboratório realiza uma pesquisa convergente-assistencial, que busca pensar e pesquisar sobre a prática desenvolvida com famílias, articulando assim a pesquisa e a assistência.

Assim, buscou-se estruturar este trabalho de forma a permitir a compreensão desta construção interdisciplinar desde o seu início, a escolha pela metodologia, os pressupostos para a realização do trabalho, e por fim a descrição de cada encontro com as famílias. Para tanto, no primeiro capítulo procuramos discorrer sobre a família na contemporaneidade: as contribuições advindas de vários aportes teóricos, a forma como ela se insere no contexto do cuidado, sendo promotora ou receptora do mesmo, e a família dentro do Serviço Social.

No segundo capítulo apresentamos a construção interdisciplinar do trabalho, onde procuramos falar sobre o projeto e o grupo de pesquisa a que está vinculado, no qual foi desenvolvida a prática de estágio, assim como a proposta do LEIFAMS para trabalhar com as famílias e os pressupostos adotados pela equipe para a condução do mesmo. No terceiro e último capítulo descrevemos as atividades desenvolvidas com as famílias envolvidas no referido projeto, que se deu através de oficinas interdisciplinares. Apresentamos ainda uma

breve análise sobre a assistência interdisciplinar às famílias, retomando algumas questões colocadas nos capítulos anteriores.

Esta descrição foi realizada a partir dos relatórios e avaliações da equipe, das avaliações do grupo e ainda sob um olhar às gravações de cada encontro. Ressaltamos que neste relato, assim como no desenvolvimento de todo o trabalho de assistência às famílias, a equipe buscou seguir os preceitos éticos das profissões envolvidas, respeitando os direitos das pessoas, famílias e instituições.

Não pretendemos esgotar a discussão sobre a prática realizada no referido projeto, tendo em vista que as análises deste trabalho são preliminares, dada a sua própria natureza, além de estarem embasadas sob o olhar de somente um dos membros da equipe.

Por se tratar de um conhecimento novo, consideramos ter grande importância a realização deste trabalho, uma vez que suscitará várias reflexões à cerca da prática *interdisciplinar com famílias*, bem como da própria prática profissional do Assistente Social com este grupo, cujo atendimento permeia a história da profissão.

## CAPÍTULO 1

### A FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

O tema “família” vem sendo bastante estudado nas últimas décadas, com maior ênfase a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988, e mais profundamente no ano de 1994, promovido pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Família, onde obteve atenção especial o estudo da família e seu mundo, seja ele rural, urbano, ou indígena, com o reconhecimento da diversidade e multiplicidade dos arranjos existentes (KAYAYAN, 2002).

Pesquisada pelas diferentes áreas do saber e trabalhada pelas diferentes áreas do fazer, o tema família tem incitado vários estudos tanto teóricos como metodológicos com o objetivo de aperfeiçoar os profissionais para o trato com uma instituição tão complexa e que requer uma atenção especial, uma vez que

é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e dos demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando (KALOUSTIAN, 2002, p.12).

No entanto, apesar das pesquisas já existentes nesta área e das muitas que estão em andamento, há muito ainda o que avançar nos estudos sobre este objeto, inclusive em termos metodológicos, para um melhor aprimoramento do atendimento a este grupo.

Assim, apresentamos a seguir, algumas considerações sobre a família demonstrando como ela vem sendo tratada em diferentes aportes teóricos e ainda, como esta se insere no contexto do cuidado, sendo cuidadora dos seus membros ou favorecida destes cuidados, via políticas sociais.

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA

A família desperta o interesse no contexto científico, segundo Bruschini (1997) pela sua não-naturalidade, pela sua mutabilidade e diversidade de conceitos existentes, além das diferentes funções exercidas pela mesma.

Uma das dificuldades encontradas quando se estuda ou, principalmente quando se trabalha com famílias, reside no fato de esta ser uma instituição presente no cotidiano de todos os indivíduos. Esta proximidade com o objeto de estudo e/ou de intervenção pode levar os profissionais à categorização de tipos de famílias através de suas experiências pessoais, levando, em algumas vezes, a concepções estereotipadas tanto das famílias como dos papéis familiares (MIOTO, 2001; SARTI, 2000).

Historicamente, a família através de muitos autores é pensada a partir de modelos familiares. Como exemplo, podemos lembrar da Família Patriarcal de Gilberto Freire, e da Família Conjugal Moderna de Antonio Candido (CORREA, 1994). Esta última é atualmente considerada pelos pesquisadores como o modelo predominante, onde é

denominado de família nuclear, um modelo hegemônico, que segundo Romanelli (2000) está carregado de “significado simbólico”, uma referência de ordenação da vida doméstica de grande parte da população (CALDERÓN E GUIMARÃES, 1994; ROMANELLI, 2000; SZYMANSKI, 2000).

Para Calderón e Guimarães (1994), um modelo tirânico e normativo, uma vez que força as pessoas a manterem as aparências mesmo convivendo com a impossibilidade de se adequar ao chamado modelo ideal, transformando a família na responsável pelo fracasso moral de seus membros. Modelo este enraizado no discurso das instituições, de muitos profissionais e dos aparelhos ideológicos (igrejas, mídia, entre outros), em que os “desajustes” compreendem a incompetência e inferioridade das famílias em adaptar-se ao modelo (CALDERÓN E GUIMARÃES, 1994; MELLO, 2000; SZYMANSKI, 2000).

Mas como todo modelo, este também é flexível e variável, pois a família não é uma totalidade homogênea (SARTI, 2000), e as mudanças que ocorrem no mundo, atingem de modo diferente cada indivíduo em suas relações, portanto cada família, de forma particular, também sofre alterações na sua composição, sua história e inserção social (SZYMANSKI, 2002).

A família é uma estrutura social que se modifica na história, assim, quando há alguma alteração de comportamento ou de valores na sociedade, a estrutura familiar é abalada, modificada. Assim, ela é uma “construção humana que se consolida, se modifica, se transforma sob influência recíproca com o meio social” (RIBEIRO, 1999, p.8), ou seja, a família é um fato cultural, condicionado através da história e na sua relação com a estrutura social a qual se insere (MIOTO, 1997; RIBEIRO, 1999).

Esta variação histórica da instituição família demonstra o desafio de conceituá-la, pois “não existe esta abstração que é A FAMÍLIA” (MELLO, 2000, p.53) (grifo do autor). Sua evolução não é algo linear, contínuo nem homogêneo (POSTER apud BRUSCHINI,

1997, p.52). Cada família constrói a sua história através de seus padrões culturais, que definem uma “cultura familiar própria” (SZYMANSKI, 2000).

Esta cultura familiar corresponde aos padrões estabelecidos para a conduta dos membros da família, que se constrói através da adequação entre os valores herdados da família de origem, os partilhados da nova família, e os novos valores que são adquiridos no contato com outras pessoas e grupos da sociedade (SZYMANSKI, 2002). Desta forma, coexistem na família os “velhos” e os “novos” padrões culturais. Assim:

viver em família significa a possibilidade de lidar com o permanente dissenso entre os projetos de homens e mulheres, como também de pais e filhos. Isto explicita a convivência entre visões de mundo conflitantes sobre a realidade, de onde vai emergir a heterogeneidade, a pluralidade dos estilos de vida, das formas de organização, das relações de gênero que se estruturam e se mantêm, em meio às rupturas e às continuidades com os valores herdados do passado e os valores apropriados no percurso da vida pessoal (RIBEIRO, 1999, p.45).

A convivência destes velhos e novos padrões culturais, como destaca a autora, causa na família um “conflito” permanente, onde os desejos individuais de cada membro entram em desacordo com os objetivos coletivos, uma vez que cada gênero e cada geração têm visões diferentes sobre as atuais configurações da sociedade, o que torna o ambiente familiar um local carregado de tensões (ROMANELLI, 2000). Este dissenso faz com que aumentem os conflitos entre as gerações, pois esta convivência entre as diferentes visões de mundo esbarra, muitas vezes, nas questões de poder e de hierarquia dentro das famílias.

As mudanças que vêm ocorrendo na sociedade nos fazem refletir sobre a família contemporânea. Segundo Miotto (1997), o processo de modernização da sociedade, proporcionou mudanças significativas na configuração da família dos anos 90, que tem algumas características apontadas por Goldani (1994 apud MIOTTO 1997) como: número reduzido de filhos; aumento da gravidez precoce; aumento da co-habitação e da união consensual; aumento das famílias monoparentais e recompostas, das famílias extensas; entre outros.

De acordo com Szymanski (2002), Kaslow (2001) cita nove tipos de composição familiar, que podem ser consideradas no mundo contemporâneo como “família”, que são:

A família nuclear; Famílias extensas; Famílias adotivas temporárias; Famílias adotivas, que podem ser bi-raciais ou multiculturais; Casais; Famílias monoparentais; Casais homossexuais com ou sem crianças; Famílias reconstituídas depois do divórcio; Várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo (KASLOW, 2001 apud SZYMANSKI, 2002, p.10).

Temos assim um verdadeiro “polimorfismo familiar” (MELLO, 2000), em que não se torna mais possível a denominação de família, mas sim de “famílias”, pois, segundo Miotto (1997), o uso do plural abarca a diversidade de arranjos familiares existentes hoje na sociedade brasileira.

Este polimorfismo pode ser expresso através das próprias ciências que a pesquisam. Com base em Bruschini (1997), apresentamos como o tema família, ao longo da história, vem sendo tratado por diferentes teorias.

Na Sociologia, a teoria funcionalista teve maior destaque na reflexão sobre família. Ainda na Sociologia, a teoria marxista (com menor destaque) e a Escola de Frankfurt também refletiram sobre o tema.

Segundo a teoria funcionalista, com expoente em Talcott Parsons, a família é uma “agência socializadora” (BRUSCHINI, 1997, p.54), onde suas funções concentram-se principalmente na formação da personalidade dos indivíduos. Para a teoria funcionalista, ela é uma unidade economicamente independente que sobrevive através dos rendimentos provenientes da ocupação do pai-marido.

Para Parsons, a família nuclear é estudada como um pequeno “grupo-tarefa”, onde predominam modelos masculinos e femininos claramente definidos pelos papéis desempenhados pelos adultos. Ao homem (pai-marido) cabe o papel de “líder ‘instrumental’ do grupo” (BRUSCHINI, 1997, p.55), e à mulher cabe ser esposa, dona-de-casa e mãe. Ela deve “zelar pelo bem-estar físico e emocional dos dependentes e pela

estabilidade das personalidades dos membros adultos do grupo” (BRUSCHINI, 1997, p.55). Esta separação de papéis entre o casal protege-os da competição profissional, evitando assim, a própria cisão da família.

A Escola de Frankfurt, onde se destacam Adorno e Horkheimer, a família também é considerada uma agência socializadora e formadora da personalidade dos indivíduos, porém faz uma reflexão oposta a do funcionalismo. Recentemente Agnes Heller retoma as questões de família passando a considerá-la como agência de reprodução ideológica, a partir do cotidiano da família.

Dentro da literatura marxista, uma linha mais crítica da Sociologia, o tema família não foi algo muito privilegiado. Engels iniciou esta discussão a partir da passagem do estágio de promiscuidade para o casamento grupal, depois para o matriarcado até chegar ao patriarcado. Bruschini (1997) ressalva que segundo Engels, o surgimento da família monogâmica se deu pelo fato dos homens decidirem proteger suas propriedades, garantindo assim a transmissão da herança. Assim, a origem da monogamia não teria sido o amor sexual individual, mas a garantia da propriedade privada. Para Engels, esta forma de família baseou-se na escravização de um sexo sobre outro, e prossegue dizendo que a única forma de estabelecer a igualdade efetiva entre os sexos, seria garantir por lei, direitos iguais a ambos.

Alguns anos mais tarde, Mitchell retoma o tema pelo feminismo, fazendo uma crítica ao pensamento marxista. Segundo ela, o marxismo limita-se a função econômica da mulher na família levando em conta somente sua capacidade de trabalho, esquecendo-se do elemento biológico, a função materna, que segundo Mitchell se inscreve em três estruturas diferentes, a reprodução, a sexualidade e a socialização das crianças.



Na Antropologia existem várias contribuições para este tema. As principais encontram-se em Lévi-Strauss, no estudo do incesto e na discussão sobre parentesco, que estabelece a diferença entre família e parentesco. Segundo Bruschini (1997, p.60)

ambos tratam dos fatos básicos da vida, [...] mas a família é um grupo social concreto e o parentesco uma abstração, uma estrutura formal, que resulta da combinação de três tipos de relações básicas: a relação de descendência (entre pais e filhos), a de consangüinidade (entre irmãos) e a de afinidade, que se dá pela aliança, através do casamento.

A Antropologia ajudou ainda, segundo Sarti (BRUSCHINI, 1997), para destruir dois mitos, o da família conjugal como universal e o do casamento associada à satisfação sexual. Sua maior contribuição está relacionada na afirmação das relações de parentesco, o casamento e a divisão sexual do trabalho como estruturas universais, presente em todas as sociedades, assim a família torna-se um grupo de procriação e consumo.

Dentre as definições antropológicas de família, Bruschini (1997, p.62) destaca alguns elementos comuns, que são: “regras proibitivas de relações sexuais entre parentes próximos, divisão do trabalho baseada no sexo e casamento como instituição socialmente reconhecida, estabelecendo as bases da paternidade social”.

A Psicologia, através dos estudos da Psicanálise na teoria de Freud, reconhece a família com papel fundamental para a construção da estrutura da mente humana. A partir de Freud, a família começou a ser apreendida como uma complexa teia de vínculos e de emoções, expressas através do ódio e do amor. Desta forma os estudos subseqüentes, levam em conta o nível psicológico das relações sociais que se passam no interior da família.

Já Reich estuda a questão da repressão sexual e da educação autoritária da família monogâmica, definindo-a como uma “fábrica de ideologias autoritárias e de estruturas conservadoras” (apud BRUSCHINI, 1997, p.62). Segundo ele o casamento monogâmico basea-se, principalmente, em interesses econômicos.

Outro aspecto fundamental destacado por Bruschini (1997, p.63), “é que o conceito de família refere-se, de um lado, a um *grupo social concreto e empiricamente delimitável*, e de outro, remete também a um *modelo cultural e à sua representação*” (grifos do autor). Desta forma, os estudos de família têm o seu papel na construção das ideologias e da organização da vida social.

Para a autora, uma teoria crítica sobre família deve levar em conta o nível psicológico, pois além de ser o lugar onde se forma a estrutura psíquica, também é um espaço social onde são geradas as diferenças hierárquicas de idade e de sexo.

O Serviço Social, como outras disciplinas, utiliza destes conhecimentos já existentes para trabalhar com as famílias. A partir das últimas décadas, os profissionais têm-se voltado mais para a construção de novos conhecimentos sobre o tema, como veremos nos próximos itens. Neste processo, a profissão tem demonstrado avanços e retrocessos, principalmente no que diz respeito a relação teoria e prática. Podemos perceber, muitas vezes, que a prática de alguns Assistentes Sociais ainda está voltada para as ações normativistas e estabilizadoras que objetivam o “bom funcionamento” da família, e não a reconhecem como um local de contradição e conflito.

Para Mito, pesquisadora de expressão da área que estuda este tema, o conceito de família parte muito mais dos laços de convivência, do que dos laços consangüíneos. Segundo a autora

a família pode ser definida como um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Ela tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulada com a estrutura social na qual está inserida (MIOTO, 1997, p.120).

Desta forma, a família está intimamente ligada às redes de relações e interações que ocorrem nas diferentes esferas sociedade, do Estado e do Mercado, sejam elas pessoas ou grupos.

Para Miotto (2000), quando se discute sobre as relações entre família, sociedade e Estado, a primeira aparece sempre como uma “instância geradora de cuidados”. Além disto, cabe à família a tarefa de cuidar e proteger dos seus membros, para que possam se desenvolver enquanto sujeitos e enquanto coletividades.

A seguir, trataremos da família no contexto do cuidado, seja como produtora ou receptora do mesmo.

## 2 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO CUIDADO

Como já foi colocado, a família é o espaço essencial para o desenvolvimento dos seus membros, independente do arranjo ou da forma como ela se estrutura (KALOUSTIAN, 2002).

Além disto, ela é responsável pelo desenvolvimento de seus membros, tanto a nível biológico como a nível psicológico, cultural, social, econômico, etc. Porém, a família também necessita de cuidados para que possa desenvolver suas funções. Neste item, apresentaremos a família como produtora de cuidados a seus membros – O cuidado na família, e como receptora dos cuidados cedidos pelo Estado – O cuidado da família.

### 2.1 O cuidado na família

Segundo nossa Constituição Federal de 1988, a família é responsável pelo cuidado de seus membros, sejam elas crianças ou idosos, sendo considerada como um espaço natural de cuidado (MIOTTO, 2000), ou seja, que **produz cuidados** (grifo nosso).

Elsen (2002), denomina este cuidado referente aos membros da família, como “cuidado familiar”, que é inter e intra-geracional e “é definido a partir do mundo de significados de cada família e desenvolvido ao longo do seu processo de viver, o que lhe dá um caráter de especificidade” (ELSEN, 1984; ALTHOFF, 2001 apud ELSEN, 2002, p.15).

Para a autora, o cuidado familiar objetiva o crescimento, desenvolvimento, a saúde e bem-estar, realização pessoal, inserção e contribuição de cada um dos membros da família, inserindo-se em um ambiente biopsicossociocultural.

Este cuidado pode ser reconhecido, através de vários atributos. Elsen (2002, p.17) cita alguns que são: “a presença, inclusão, promoção da vida e bem-estar, proteção e orientação para a vida”.

A *presença*, segundo a autora, “compreende as ações, interações e interpretações através das quais a família demonstra solidariedade a seus membros” (ELSEN, 2002, p.17). Esta presença se mostra por

saber ouvir, pelo diálogo, pelo estar-junto, por acompanhar, envolver-se, comprometer-se, ter preocupação com o outro, o fazer-com e, em determinadas ocasiões, o agir pelo outro e defendê-lo, e também em responsabilizar-se pelo outro (LEININGER, 1991; BOEHS, 1990 apud ELSEN, 2002, p.18).

Para Elsen (2002, p.19) “o cuidado familiar como *inclusão*, busca a inserção de cada um de seus membros no grupo familiar e na comunidade em que vive”. Esta inserção pode se dar legalmente ou culturalmente.

Na *promoção da vida e bem-estar*, o cuidado familiar procura impulsionar, potencializar, qualificar a vida de cada membro da família e também do próprio grupo familiar. Segundo a autora, embora o cuidado como promoção da vida se dirija à toda a família, ele assume especificidade para atender às necessidades e características individuais.

O cuidado familiar como *proteção* compreende medidas para a garantia da segurança física, emocional e social do grupo familiar.

No que se refere ao cuidado familiar como *orientação para a vida*, ele é considerado, segundo a autora, como um guia “internalizado” (grifo do autor) utilizado pelos membros no seu dia-a-dia, onde estão apontados o que é considerado como correto, aceitável, esperado, bom, ou não desejável, perigoso tanto para o indivíduo como para a família.

As funções da família se inserem neste cuidado familiar, auxiliando no crescimento e desenvolvimento do ser humano. Isto pode ser observado nos indivíduos através do

bem-estar, o sentimento de segurança, a existência de valores para guiar as decisões individuais e do grupo, sentir-se amado e respeitado, o fortalecimento do eu-individual e do nós-grupo, o sentimento de pertença a uma comunidade, com uma história e identidade própria (ELSEN, 2002, p.20).

Bruschini (1997), apresenta as três funções básicas da família, que são: econômica, socializadora, e de reprodução ideológica. Segundo a autora, todos os estudos levam em conta estas três funções, porém cada corrente dá ênfase a uma ou outra destas, como apresentamos a seguir.

A função econômica, enfatizada principalmente pela corrente marxista, consistia, antes do advento do capitalismo, na produção propriamente dita, ou seja, a unidade doméstica era vista como uma unidade básica de produção. Os deveres dos membros da família eram claramente definidos e determinados a partir da idade e posição na família, além do sexo. Neste período, a família dependia economicamente tanto da esposa como do marido, sendo que à mulher cabia o cuidado de animais domésticos ou a confecção de roupas, e ao homem, os papéis públicos.

Com o advento do capitalismo, houve uma ruptura entre as unidades domésticas e de produção. A partir daí, coube a mulher a realização de tarefas na esfera privada e sem remuneração, e ao homem, coube o trabalho produtivo e remunerado. Porém, dentro da

função econômica é importante também, considerar a família como unidade de consumo. Assim, para a satisfação das necessidades econômicas do grupo, os membros da família se distribuem em atividades geradoras de renda, sempre levando em consideração aspectos como sexo, idade, posição na família e escolaridade de cada indivíduo.

A função socializadora focaliza a família como núcleo de procriação, em que sua função principal é a formação da personalidade dos indivíduos e a socialização das crianças. Porém, as correntes que dão maior ênfase a esta função, divergem em alguns sentidos.

Os estudos da teoria funcionalista da Sociologia e da Psicanálise de Freud analisam esta função sob a ótica da formação de vínculos afetivos e a relação mãe-filho; já a Escola de Frankfurt da Sociologia e Reich, da Psicologia, indicam o elemento repressivo e autoritário desta função.

Na função da reprodução ideológica, a família tem o papel de transmissão de hábitos, costumes, idéias, valores, padrões de comportamento, etc. A vertente que trabalha mais com esta função está em Agnes Heller. Segundo Bruschini (1997), a partir desta vertente, dois pontos são fundamentais para o estudo da família: as mudanças dentro da vida familiar cotidiana, levando às grandes transformações históricas e sociais; e o papel da mulher na vida cotidiana, de organizadora, dirigente e fiscalizadora dos elementos ideológicos da vida familiar.

Os estudos sobre família devem levar em conta todas estas funções, e devem articular o plano econômico ao cultural e ao psicológico, perpassando assim, por todos os elementos que compõem o cotidiano familiar.

Desta forma, encontramos nas funções da família, o compromisso com a proteção e o cuidado de seus membros no que tange a própria preservação da vida. Este compromisso se traduz através do desenvolvimento da identidade dos indivíduos, enquanto seres únicos,

e do desenvolvimento do sentimento de pertença, enquanto partícipes de um grupo – sendo a família o primeiro grupo -; da transmissão dos valores culturais, éticos e humanitários; da educação formal e informal; do ensinamento dos aportes afetivos; da socialização; da satisfação das necessidades econômicas, entre outros.

Apesar de Bruschini (1997) levantar estas três funções básicas da família, parece-nos haver uma forte pressão para que a mesma desempenhe principalmente as funções de socialização, com destaque ainda para a construção da personalidade dos indivíduos e socialização das crianças. Esta função está intimamente ligada a da reprodução da ideologia, uma vez que é na socialização dos indivíduos que transmitimos os valores moralmente aceitos pela sociedade como certos ou errados, bons ou ruins, com fins à estabilidade social.

Assim, independente do arranjo que a família possa ter, ela é considerada como *locus* privilegiado para o adequado desenvolvimento humano e do exercício das relações democráticas, uma vez que articula em seu interior, relações econômicas, de afeto, sociais e culturais (BECKER, 2002; CARVALHO, 2000, 2002; COSTA, 2002; KALOUSTIAN, 2002; MIOTO, 1997; TAKASHIMA, 2002).

Considerada pelos estudiosos e pelos profissionais que trabalham com ela, como um local privilegiado para a preservação da vida dos indivíduos e principalmente das crianças, a família deve desempenhar suas funções de forma a aumentar a qualidade de vida dos seus membros.

Porém, a própria “capacidade de cuidado e proteção dos grupos familiares depende diretamente da qualidade de vida que eles têm no contexto social no qual estão inseridos” (MIOTO, 1997, p.121).

Segundo a autora, a qualidade de vida das famílias depende da articulação de três aspectos: as demandas internas, as demandas advindas de seu meio social (externas) e as

formas como elas lidam com as transformações ocorridas nas suas relações (homem X mulher, pais X filhos).

Estas demandas externas envolvem os problemas de ordem econômica, política, social e ética, existentes hoje em nossa sociedade e que impõem à família, novas dificuldades e maiores responsabilidades, pois limitam as condições de a mesma desempenhar suas tarefas.

De acordo com Míoto (2000), existem dois canais para que o cidadão satisfaça suas necessidades, que são o mercado, através do trabalho, ou a família. Quando a família falha, ou há algum problema com um dos seus membros, a mesma é responsabilizada como incapaz de cumprir com seus compromissos. E somente quando estes dois canais falham, o Estado intervém de forma temporária, até que a família tenha condições de retomar suas responsabilidades.

Desta forma, a Constituição coloca em seu artigo 226, que a “família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”, e quando esta falha em suas funções, o Estado deve prover os recursos necessários para que ela volte a desempenhá-las. Então quando isto acontece, quando a família não consegue dar as condições mínimas para a sobrevivência e desenvolvimento de seus membros, a mesma é inserida em serviços ou programas criados pelo governo que pretendem manter a estabilidade social, com os indivíduos bem formados e controlados através de suas famílias.

Assim como espaço que produz cuidado, a família deve ser vista também como espaço a ser cuidado, que **necessita de cuidados** (grifo nosso) (MIOTO, 2000). Ela deve ser protegida e assistida pelo Estado para que possa desempenhar suas responsabilidades e funções (BECKER, 2002; TAKASHIMA, 2002).

Mas, de que forma o Estado têm cumprido seu papel junto a estas famílias? Como funcionam os serviços e/ou programas criados para atender estas famílias? Estas são



algumas questões que pretendemos expor na seção seguinte, onde estudaremos o cuidado realizado para as famílias, em que apresentaremos um pouco sobre as políticas sociais.

## 2.2 O cuidado da família

A família, como mostramos, pode ser vista na sociedade, através de vários arranjos que não devem ser classificados em “certos” ou “errados”, uma vez que cada família é única e tem uma forma própria de se organizar.

Na história brasileira, a família sempre foi atendida, primordialmente pelos serviços oferecidos pelas igrejas (NEDER, 2002). A partir do Movimento Constituinte na década de 80, a mesma começou a fazer parte dos discursos e da própria Constituição, que prevê, como dito anteriormente, uma atenção especial por parte do Estado. Porém, a forma como a família se insere no texto constitucional é fragmentada e está relacionada a pessoas, tanto na figura da criança e do adolescente, como na da mulher e do idoso.

Durante o Movimento Constituinte, os movimentos sociais e de classes, representavam suas maiorias perante o Estado, exigindo a inserção de direitos na Constituição, que pudessem melhorar sua qualidade de vida. Entretanto, a família não foi representada durante este período, ficando sob a responsabilidade destes outros movimentos (das mulheres, dos negros, dos idosos, etc.) incluí-la no texto constitucional. Segundo Costa (2002), as organizações familiares, até a década de 90, não eram protagonistas políticos de envergadura no interior dos movimentos sociais. Essas entidades podem ser divididas em quatro grupos básicos, que são (COSTA, 2002):

- a. O grupo formado pelas organizações de caráter religioso, voltados à edificação cristã das famílias, que temos como exemplo a Pastoral da Família;

- b. O grupo constituído por associações de profissionais, que atendem a família dando apoio às dificuldades, utilizando-se da terapia familiar, que temos como exemplo o Centro Brasileiro de Estudos da Família;
- c. O grupo composto por organizações de pais em favor da educação dos filhos, onde entra a Escola de Pais do Brasil;
- d. E, por último, o grupo constituído das organizações compostas por família envolvidas em atividades de natureza produtiva, como exemplo, temos os Centros de Apoio a Pequenos Empreendimentos Familiares.

Assim fizeram, e a Constituição Federal de 1988, inaugurou, no meio jurídico, um novo conceito de família (GENOFRE, 2000). Foram alterações referentes à igualdade de direitos entre os cônjuges, os fundamentos do planejamento familiar, a responsabilidade sobre o idoso e as crianças e adolescentes entre outros. Porém, esta ficou fragmentada, a despeito de ser ela o ponto de confluência das realidades das crianças e adolescentes, das mulheres, dos idosos, entre outros (BECKER, 2002; COSTA, 2002).

Para que a família possa exercer suas funções no intento de melhorar a qualidade de vida dos seus membros, ela própria necessita de atenção e cuidados como vimos no item anterior. A nossa Carta Magna, como já apresentamos, em seu artigo 226, afirma que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (Constituição, 1988).

Mioto (2001) ressalta que a relação Estado e família têm sido bastante estudada pelos especialistas de diferentes áreas do conhecimento. Segundo a autora (2001, p.94) Saraceno (1996) considera esta relação conflituosa “por estar menos relacionada aos indivíduos e mais sobre a disputa do controle sobre o comportamento dos indivíduos”.

O Estado, ao longo dos tempos, têm interferido nas famílias através de três linhas: da legislação, que define e regula as relações familiares (deveres e responsabilidades dos pais); das políticas demográficas (incentivos e controles à natalidade); e da difusão de uma

cultura de especialistas nos aparatos policiais e assistenciais do Estado (especialmente para as classes populares) (MIOTO, 2001).

Ainda segundo a autora, existem duas linhas de interpretação da relação Estado e família. Uma que considera a intervenção do Estado reguladora e controladora, e vê a família ameaçada, com perda nas suas funções e autonomia; e a outra considera que a intervenção do Estado na família tem se traduzido não através de uma redução de funções, mas sim de uma sobrecarga de funções. Segundo esta linha de interpretação, o Estado deve intervir não somente na garantia dos direitos individuais, mas também na implementação de políticas sociais com o propósito de fortalecer o desenvolvimento da vida familiar e facilitar o desempenho da função social da família.

Para Takashima (2002), o papel do Estado não deveria ser de substituto, mas de aliado e fortalecedor deste grupo, de forma a proporcionar apoio ao desempenho de suas funções.

Porém, com o advento do neoliberalismo, a criação destas políticas sociais ficaram cada vez mais distantes, pois a política neoliberal estabeleceu suas bases sobre um verdadeiro culto do mercado, onde este aparece como grande redentor da sociedade, capaz de resolver todos os problemas sociais. As políticas do modelo neoliberal, podem ser resumidas em: estabilização de preços e contas nacionais; privatização dos meios de produção e das empresas estatais; liberalização do comércio e do fluxo de capitais; desregulamentação da atividade privada; e austeridade fiscal e restrições aos gastos públicos.

Com isto, inicia-se uma verdadeira minimização das responsabilidades do Estado, e uma redistribuição das mesmas entre a sociedade civil e a iniciativa privada. Dentro da sociedade civil, podem ser consideradas aquelas organizações solidárias, também denominadas de terceiro setor, e as organizações e movimentos dos indivíduos enquanto

pertencentes de alguns grupos. Nesse contexto, a família passa a ser parceira dos serviços de atendimento, e quando pensamos em redes solidárias entre as famílias, poderíamos até classificá-las como sugere Carvalho (2000, p.17) em “miniprestadoras de serviços de proteção e inclusão social”.

Sobre estas redes, Mello (2000, p.54) ressalta que “há uma troca permanente de serviços nas famílias, um apoio de todas as horas e para todos os problemas [...] Há situações em que toda vizinhança busca meios de amenizar as crises de outras famílias”.

Além disto, as políticas sociais e de atendimento à família, sempre estiveram centradas em figuras, como sugere Takashima (2002, p.82) da “maternidade e infância”, “menor abandonado, delinqüente”, “menino de rua”, “excepcional” e “idoso”, todos considerados solitários, descontextualizados, portadores de um problema. Segundo Miotto (1997, p.123), as ações dos profissionais estão voltadas a resolução dos problemas do que ela chama de “usuário problema”, derivando daí um modelo assistencial que visa prioritariamente a resolução dos problemas demandados por este usuário.

Quando à questão do atendimento à família aparece no discurso político, Takashima (2002, p.82) percebe alguns descompassos, que são:

- Escassez de recursos financeiros tanto para atendimento das necessidades básicas do grupo familiar, quanto para atender as necessidades institucionais (pessoal, administrativas), desqualificando o atendimento à mesma;
- Falta de articulação da rede (entre os programas existentes);
- Prevalência de serviços centrados em ações pontuais e em indivíduos atomizados;
- Má localização e condições precárias dos locais de atendimento às famílias;
- Burocratização dos serviços de atendimento;
- Falta de qualificação, capacitação e competência apropriadas dos profissionais para o atendimento às famílias.

Assim, as políticas que são desenvolvidas para as famílias, voltam-se, na maioria das vezes, para o “usuário-problema” (MIOTO, 1997), inviabilizando a proposta das mesmas, que seria de fortalecimento da família. Desta forma, ao invés de dar suporte nos momentos de crise, as intervenções acabam fragilizando ainda mais as famílias, sendo fator decisivo para o agravamento dos problemas familiares (SILVA, 1998).

Apesar do reconhecimento da importância das políticas sociais no cotidiano familiar para a garantia da sobrevivência das mesmas, podemos perceber que estas não são priorizadas pelo Estado, seja pelo atual contexto político econômico brasileiro ou pela falta de planejamento e avaliação das mesmas pelas instituições que atendem às famílias.

Para Miotto (1997, p.124), “dessa leitura fragmentada da realidade familiar deriva um processo interventivo também fragmentado”. A seguir, veremos de que forma a família se insere no contexto do Serviço Social, e como ela vem sendo atendida por estes profissionais.

### 3 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO SERVIÇO SOCIAL

Historicamente, a família sempre esteve inserida na área de atuação do Serviço Social. Segundo Silva (1987), Mary Richmond já havia percebido a importância da família para o projeto de intervenção do Serviço Social.

Já Mary Richmond, em seu Diagnóstico Social, mostrava a importância de se considerar o cliente em suas múltiplas relações sociais, em especial com sua família de origem, considerando este, ‘muitas vezes’ o único caminho para obter resultados completos e duradouros. Enfatizava também a necessidade de proceder a um estudo da família, de suas características básicas, de sua importância na gênese e no desenvolvimento dos problemas apresentados pelo cliente e das interferências do meio social sobre esta família caracterizada como ‘unidade integradora’. A partir dessa época, toda a literatura do Serviço Social reafirma a necessidade de não se isolar o indivíduo de seu contexto familiar (SILVA, 1987, p.82-83).

Porém o que podemos perceber, através de algumas pesquisas (MIOTO, 2001; PRAZERES, JESUS e ROSA, 2002; RODRIGUES 2002), é que isto é algo que aparece muito mais no plano discursivo, do que na prática do Serviço Social.

Esta questão ficou mais acentuada a partir do Movimento de Reconceituação do Serviço Social brasileiro, que surgiu nos anos 60. De acordo com Costa (2002), a partir daí esta profissão passou da orientação funcionalista do serviço social americano, que organizava a atuação em três eixos básicos, o serviço social de casos, de grupos (onde a questão da família se situa) e de comunidade; para uma orientação baseada em uma visão transformadora e crítica da sociedade.

#### Este redirecionamento

propiciou a percepção da família no interior da questão mais ampla, contraditória e complexa do conflito de classes, sujeitando o entendimento da realidade social a todas as determinações, condicionamentos e influências decorrentes do novo enfoque (COSTA, 2002, p.23).

Desta forma, a importância do trabalho com famílias pelo Serviço Social foi relativizada, passando este a atuar mais junto a comunidades e movimentos sociais, que como coloca o autor, são “setores dotados de maior capacidade de respostas em termos de transformação das relações sociais em seu conjunto” (COSTA, 2002, p.23).

Contudo, conforme Rodrigues (2002) após o Movimento de Reconceituação, o Serviço Social brasileiro se viu em meio a uma espécie de “vazio conceitual”, que traduzia na verdade, àquela negação das teorias e metodologias que até então eram utilizadas pelos profissionais. Assim, na década de 80, os profissionais encontram na Teoria Sistêmica um novo instrumento para a atuação com famílias. Mais recentemente surge uma terceira perspectiva no âmbito do Serviço Social, que segundo a autora pode ser denominada de “Perspectiva Crítica” (grifo do autor).

Desta forma, a família sempre foi objeto de intervenção da profissão, porém há um grande descompasso entre os avanços da prática e da produção teórica. Segundo Miotto (1997), a discussão teórica sobre o tema não é condizente nem em termos numéricos.

Este impasse entre teoria e prática pode ser visto através de algumas pesquisas atuais, que analisaram a prática profissional com famílias. Miotto (2001) apresenta neste artigo, três princípios encontrados nos programas de orientação e apoio sócio familiar. O primeiro é a predominância de concepções estereotipadas de família e papéis familiares. De acordo com a autora há um reconhecimento por parte dos técnicos, da diversidade de arranjos familiares, a despeito disto, observa-se ainda a utilização do termo “famílias desestruturadas” para rotular as famílias que fogem ao modelo padrão. Contudo, observa-se também que a questão das funções familiares ainda estão calcadas nos papéis culturais e tradicionalmente esperados de pai e mãe.

O segundo relaciona-se a prevalência de propostas residuais, onde os serviços são centrados basicamente em indivíduos-problemas, resultando daí abordagens direcionadas à resolução dos problemas individuais.

E por último, a centralização de ações em situações limites e não em situações cotidianas, ou seja, os programas não têm se voltado para as dificuldades cotidianas das famílias a fim de dar-lhes sustentabilidade. Pouco se tem feito para prevenir estas situações limites. Assim, a autora coloca que a lógica destes programas tem sido a da cidadania invertida (SPOSATI, 1989 apud MIOTTO, 2001).

O estudo realizado por Prazeres, Jesus e Rosa (2002), com assistentes sociais que trabalham com famílias na cidade de Florianópolis, reafirmaram que os serviços ainda não conseguem atender a família como unidade de atenção, mesmo tendo conhecimento da importância da família na resolução destes conflitos, ficando, muitas vezes, voltados à ações pontuais, centradas somente nas demandas trazidas pelo “indivíduo problema”

(MIOTO, 1997), desconsiderando-o como porta-voz da crise familiar. Além disto, os profissionais, apesar de esforçarem-se para planejarem as ações com os usuários, acabam por atender as solicitações mais emergentes trazidas pela família, sem poder fazer algo no sentido de prevenir os conflitos e crises. Esta forma de atendimento é fruto do contexto político-econômico vigente, onde as políticas públicas sociais são pontuais, e visam prioritariamente, a resolução do problema aparente, e não das questões que o motivaram.

⊗ Rodrigues (2002) em sua pesquisa sobre a prática profissional com famílias, categorizou as ações profissionais como:

- Pontuais: Centradas em uma determinada situação ou no indivíduo problema;
- Emergenciais: Atendimento dos casos mais graves e complexos, adiando os demais atendimentos;
- Fragmentadas: Atendimento realizado a partir de um indivíduo, além da fragmentação ocorrida através dos encaminhamentos;
- Frágeis: Alta rotatividade das famílias pelas instituições, perpetuação de algumas questões ao longo das gerações em uma mesma família e grande quantidade de atendimento a serem realizados;
- Imbricadas: Falta de comunicação entre os diferentes serviços e profissionais;
- Centradas no “final da linha”: Esta característica está ligada ao primeiro e ao segundo ponto apresentados;
- Centradas na crise, patologia ou doença: Atendimento às famílias a partir de uma incapacidade ou falha na realização de suas funções sociais (lógica das políticas sociais).

Estas ações também são frutos do contexto, que impõem limites à concretização da ação profissional, que são (RODRIGUES, 2002): excesso de burocracia, demanda reprimida, número reduzido de profissionais, insuficiência de recursos, diretrizes das



instituições e das três esferas governamentais (principalmente através das políticas públicas), entre outros.

Alguns autores colocam que para tratar do tema família – que como vimos até agora, é um objeto complexo, mutável e historicamente construído -, é necessário uma construção interdisciplinar, que leve em conta todos os aspectos relacionados ao seu funcionamento (meio interno e externo) (BILAC, 2000; ELSESEN et al, 1999).

Nesse panorama, nos inserimos no Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na área de Saúde da Família – GAPEFAM, que como veremos a seguir, busca a construção interdisciplinar de um conhecimento teórico e metodológico sobre família.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CONSTRUÇÃO INTERDISCIPLINAR DA ASSISTÊNCIA ÀS FAMÍLIAS – O GAPEFAM**

O GAPEFAM foi criado em fins de 1984, constituído por docentes, estudantes de pós-graduação e graduação, profissionais de serviços de Enfermagem/Saúde e de outras áreas do saber que compartilhavam o interesse em:

- Construir conhecimentos sobre família e seu processo de viver;
- Capacitar profissionais para atuar com a unidade familiar e;
- Promover a saúde familiar.

O grupo procura articular as áreas de assistência, pesquisa e educação em saúde da família, através de vários projetos que visam construir e socializar o saber sobre família a nível formal e informal, bem como promover o trabalho interdisciplinar. Assim sendo, o GAPEFAM vêm realizando seus projetos em articulação com outros grupos de pesquisa, entidades governamentais e não governamentais, para, através do diálogo, do compartilhar e do negociar, propor caminhos para a promoção da saúde familiar e seu fortalecimento como unidade do cuidado de seus membros.

O GAPEFAM tem por objetivos:

- Realizar pesquisa na área da saúde da família;
- Desenvolver projetos de extensão visando a família como unidade;
- Promover e apoiar programas de educação continuada;
- Prestar assessoria a profissionais e instituições sobre assuntos relacionados a sua área de interesse.

Localizado na Casa Vida & Saúde – Enfermagem, no Centro de Florianópolis, onde são realizadas as suas reuniões, o GAPEFAM desenvolve seus projetos em vários lugares como em hospitais, centros de saúde, comunidades, domicílios, creches e escolas.

Desde o seu nascimento tem uma característica de ser aberto e dinâmico, com um grande fluxo de pessoas, ou seja, pessoas indo e vindo, no que se refere a seus integrantes. Sempre foi constituído por docentes, enfermeiros de serviços, especialistas, mestrands, doutorandos e graduandos de enfermagem desde as fases mais iniciais do curso. Além desses, já atuaram e ainda atuam efetivamente, profissionais e estudantes de outras áreas como: serviço social, análise de sistemas, administração, pedagogia, nutrição, arquitetura e psicologia.

O GAPEFAM tem alguns princípios que norteiam seu trabalho em relação à família, que são (PENNA, 1994):

1. A Família é uma unidade constituída por indivíduos;
2. A unidade familiar é aberta e interage entre si e com outras unidades;
3. A unidade familiar apresenta uma organização flexível e própria;
4. A unidade familiar está em constante ação no ambiente;
5. A unidade familiar é uma instituição social organizada estruturalmente dentro do ambiente em que vive;

6. A unidade familiar organiza/interage/atua em um ambiente intra, assim como em um ambiente extrafamiliar;
7. A unidade familiar atende as necessidades de crescimento e desenvolvimento de seus membros;
8. O ambiente e a família interagem dinamicamente;
9. A enfermagem trabalha com a família em um processo dinâmico de interação;
10. A família é ativa em sua assistência;
11. A família tem direitos e responsabilidades;
12. O GAPEFAM busca o exercício da cidadania com as famílias.

Além disto, durante sua história, o grupo, a partir de discussões, construiu um referencial teórico que representasse as crenças e expectativas de seus componentes. São conceitos de Família, Adolescente, Família Saudável, Enfermeiro, Ser Humano, Ambiente, Processo de Viver Saudável, Processo de Viver do Adolescente Saudável, Comunidade Escolar, Assistência à Comunidade Escolar, Criança, Comunidade da Creche, Assistência à Família, Assistência de Enfermagem e por fim, Cidadania (PENNA, 1994).

Nestes conceitos, o grupo considera a família como uma unidade complexa, dinâmica e interativa, o que requer dos profissionais que lidam com ela diariamente, uma ação mais completa, que a contemple em sua totalidade e complexidade (ELSEN et al, 1999). Dentro desta perspectiva, o GAPEFAM defende o princípio de estar atuando de forma interdisciplinar, o que se tornou uma das principais prioridades do grupo visto que o envolvimento de profissionais de diferentes áreas do saber amplia a compreensão sobre a família – pois articula em si o conhecimento específico de cada área, resultando em uma ação mais qualificada.

A trajetória histórica do grupo gerou, nos seus componentes, o desejo de inovar, de incluir em sua prática cotidiana mais projetos interdisciplinares, tendo como foco central à

família como unidade de atenção do profissional. Em 1999 foi enviado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, um projeto denominado “Laboratório de saúde familiar e cidadania: propondo modelos assistenciais e construindo um processo de trabalho interdisciplinar”, que tem em sua base duas dimensões. A primeira diz respeito à formação de uma rede interdisciplinar na área de família e saúde e a segunda, na criação de um laboratório denominado de Estudos e Práticas Interdisciplinares de Família e Saúde – LEIFAMS, que tem por objetivo, criar metodologias interdisciplinares de atendimento à família (ELSEN et al, 1999).

Para validar o referido projeto, as autoras (ELSEN et al, 1999) fazem uma crítica às políticas sociais existentes hoje, que não contemplam a família em sua totalidade, mas somente um indivíduo (MIOTO apud ELSEN et al, 1999), fragmentando o olhar para a situação causadora dos problemas e, por conseguinte das ações voltadas às famílias. Como desafio aos profissionais que olham para a família como um grupo dinâmico e complexo, com necessidades próprias e únicas, tem-se a busca por metodologias para trabalhar com as mesmas sem que haja uma fragmentação e descontextualização das suas situações.

A partir daí a equipe empenhou-se em iniciar o trabalho do LEIFAMS – projeto através do qual foi desenvolvido o estágio obrigatório -, na busca pela aproximação das disciplinas envolvidas (Enfermagem, Serviço Social e Psicologia) através de discussões sobre o referencial teórico a ser adotado para se trabalhar com as famílias.

## 1 A PROPOSTA DO LEIFAMS

O trabalho no LEIFAMS iniciou em setembro de 2001. Neste início foram realizadas algumas pesquisas para que cada área envolvida no projeto (Serviço Social, Psicologia e Enfermagem) pudesse rever como a família está sendo atendida no município de Florianópolis e ainda quais os trabalhos que o grupo (GAPEFAM) já havia desenvolvido nesta área.

Desta forma, às bolsistas do serviço social (uma de iniciação científica e duas de apoio técnico), coube pesquisar como é o trabalho realizado pelo mesmo nos serviços de atenção à família do município de Florianópolis. O objetivo era identificar as metodologias desenvolvidas pelo Serviço Social no atendimento à família para subsidiar a criação de um projeto de atenção interdisciplinar à mesma.

Com base nesta pesquisa, cujos dados foram apresentados no capítulo anterior, e na pesquisa realizada pela enfermagem e pela psicologia, a equipe do LEIFAMS passou a se reunir para então construir a metodologia que seria empregada em seu trabalho com as famílias. Várias foram as formas pensadas para este trabalho, porém a equipe tinha grande interesse em trabalhar com grupos de famílias. Em primeiro lugar, este interesse surgiu através da própria história do GAPEFAM, que em alguns de seus trabalhos utilizou esta metodologia com sua população alvo, e seus resultados foram de grande importância. Em segundo lugar, constatamos em nossa pesquisa que muitos profissionais do Serviço Social estão utilizando o trabalho em grupo e, segundo os entrevistados, os resultados tem sido positivos (PRAZERES, JESUS, ROSA, 2001). Além disso, no espaço grupal se tornaria possível a reprodução do espaço familiar, e vice-versa, considerando que a família é o primeiro grupo ao qual o indivíduo faz parte.

A metodologia criada pelo LEIFAMS (Anexo 1) prevê a atuação em 2 (duas) áreas, na Assistência Profissional e na Educação. Na área da Educação, serão desenvolvidos outros 2 (dois) sub-projetos denominados de “Mídia Interativa” que visa a criação de uma parceria com uma radiodifusora, para a transmissão de um programa para as famílias, onde as mesmas mandam cartas solicitando alguma orientação e a equipe interdisciplinar responderá as mesmas durante este programa; e “Capacitação Profissional” que busca complementar os vazios existentes nos currículos quanto ao ensino sobre família . Na área da Assistência Profissional, serão executados mais 2 sub-projetos denominados “Atendimento” e “Comunitária”. Este último corresponde a atividades que serão desenvolvidas em comunidades ou instituições que procurarem o projeto para auxiliar ou orientar em algum caso específico. e sobre o “Atendimento” falaremos a seguir.

Para dar andamento ao projeto a equipe optou por iniciar pela área da Assistência Profissional, mais especificamente, no “Atendimento”, onde prevíamos trabalhar com grupos de famílias. Um dos motivos que levou a equipe a iniciar por esta área foi a necessidade de estar mais próxima as famílias, bem como pelos parceiros que havíamos conseguido até o presente momento. Para este trabalho, a equipe aprofundou seu conhecimento nas áreas de Família, Interdisciplinaridade, Grupo e Oficina, que serão trabalhadas na próxima seção.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

### 2.1 Interdisciplinaridade

Para o trabalho interdisciplinar, a equipe procurou entender melhor como acontece a articulação entre as distintas áreas do saber, considerando que “não há ciência que esgote o real, pois ela é sempre aproximativa” (COUTINHO apud VASCONCELOS, 2000, p.37), e, além disso, reconhecer a necessidade da interdisciplinaridade é reconhecer a necessidade de olhares diferentes para um mesmo objeto.

Dentro de várias noções de interdisciplinaridade, a equipe tomou por base algumas que consideramos serem complementares.

Para Vasconcelos (2000, p.47)

a interdisciplinaridade é entendida aqui como estrutural, havendo reciprocidade, enriquecimento mútuo, com uma tendência a horizontalização das relações de poder entre os campos implicados.

Ela exige que se tenha uma problemática comum, onde será gerado

uma fecundação e aprendizagem mútua, que não se efetua por simples adição ou mistura, mas por uma recombinação dos elementos internos (VASCONCELOS 2000, p.47).

Na interdisciplinaridade, os profissionais envolvidos devem criar um “novo” conhecimento que envolva todas as áreas, criar nomenclaturas, saberes e práticas, agora comuns aos mesmos. Além disto, como disse Vasconcelos, na prática interdisciplinar, as relações de poder são horizontalizadas, pois o conhecimento de cada um é transformado no conhecimento de todos. Este tem sido um dos principais motivos de alguns profissionais não adotarem esta prática, pois

a proposta de interdisciplinaridade convive na prática com uma ‘sombra’ espessa de um conjunto de estratégias de saber/poder, de competição intra e intercorporativa e de processos institucionais e socioculturais muito fortes, que



impõem barreiras profundas à troca de saberes e a práticas interprofissionais colaborativas e flexíveis” (VASCONCELOS, 2000, p.53).

Além disto, os profissionais tem “medo” de perder a especificidade da sua disciplina, de passar todo seu conhecimento, adquirido na academia e na prática, a outrem, que não tenha passado pelos mesmos passos. Para On (1995), ao contrário disto, a interdisciplinaridade afirma as profissões dentro de suas especificidades e aumenta o *ângulo de visão de um objeto*. Assim,

a perspectiva interdisciplinar não fere a especificidade das profissões e tampouco seus campos de especialidade. Muito pelo contrário, requer a originalidade e a diversidade dos conhecimentos que produzem e sistematizam acerca de determinado objeto, de determinada prática, permitindo a pluralidade de contribuições para compreensões mais consistentes, deste mesmo objeto, desta mesma prática” (ON 1995, p.156).

Segundo On (1995, p.156) a interdisciplinaridade pode ser pensada ainda, como uma “postura profissional” que possibilita transitar o espaço da diferença do saber, em busca de desvelar a pluralidade de ângulos que um determinado objeto investigado é capaz de proporcionar. Dentro desta perspectiva, o Serviço Social torna-se uma profissão interdisciplinar por excelência, visto que articula, de modo próprio, diferentes conhecimentos (ON, 1995, p.157; e VASCONCELOS, 2000, p.47).

## **2.2 Família**

Dentro do tema “família”, os estudos já feitos manifestam a dificuldade de se conceituar esta instituição devido as diferentes formas que ela pode ter em determinados padrões culturais e épocas, ou seja, é uma construção histórica (MIOTO 1997; RIBEIRO, 1999; ROMANELLI, 2000). Além de ser uma construção histórica, as configurações das famílias dependem também da forma como estas estão inseridas na sociedade (MIOTO, 1997).

Considerada como “um lugar privilegiado de preservação da vida” (MIOTO, 1997, p.120), a família é responsável pelo cuidado de seus membros entre as gerações, e pela construção da identidade da criança enquanto ser único e também participante de outros grupos (sentimento de pertença), ou seja, é *locus* privilegiado para o adequado desenvolvimento humano (BECKER, 2002; SZYMANSKI, 2000).

O conceito de família trazido pelo GAPEFAM traz em si não somente um conceito genérico, mais fala ainda de suas funções, das relações culturais e sociais, colocando-a como uma organização que privilegia o aprendizado do exercício da cidadania, uma vez que o aprendizado da cidadania se dá através da família – *locus* do exercício das relações democráticas (TAKASHIMA, 2002, p.79) -, e na relação “indivíduo, família e coletividade” (PENNA, 1994). A família é entendida como:

uma unidade dinâmica, constituída por pessoas que se percebem como família, que convivem por determinado espaço de tempo, com uma estrutura e organização para atingir objetivos comuns, construindo uma história de vida. Os membros da família estão unidos por laços consangüíneos, de adoção, interesse e/ou afetividade. Tem identidade própria, possui, cria e transmite crenças, valores e conhecimentos comuns, influenciados por sua cultura e nível sócio-econômico. A família tem direitos e responsabilidades, vive em um determinado ambiente em interação com outras pessoas e famílias, creche, posto de saúde e outras instituições em diversos níveis de aproximação. Define objetivos e promove meios para o crescimento e desenvolvimento contínuo do seu processo de viver (PENNA, 1994).

Uma das teorias subjacentes ao conceito de família trazido pelo grupo, refere-se a Teoria Sistêmica, que considera a família como “um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança (MINUCHIN, 1999).

Dentro deste sistema, existem vários subsistemas “a idade e o gênero criam subsistemas familiares, assim como outros fatores” (MINUCHIN, 1999, p.25), como por exemplo, os adultos, os adolescentes, os filhos (subsistema filial), irmãos (fatria), etc.

A família, desde sua formação inicial, atravessa diferentes etapas, passando por períodos de transição, aonde os membros vão e vem, crescem e mudam, e estes

acontecimentos intervêm na realidade da mesma. Segundo Carter e McGoldrick (1995, p.17), são, basicamente, 6 (seis) etapas, a saber: “saindo de casa: jovens solteiros; a união de famílias no casamento: o novo casal; famílias com filhos pequenos; famílias com adolescentes; lançando os filhos e seguindo em frente; e famílias no estágio tardio da vida”. Este é o chamado Ciclo de Vida Familiar (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

Este processo “freqüentemente doloroso, é marcado por um período de insegurança e tensão” (MINUCHIN, 1999, p.27). Os conflitos e crises gerados pela passagem por estas etapas são conhecidos como crises desenvolvimentais (CARTER e MCGOLDRICK, 1995, p.11), de acréscimo ou perda de membros, em que a família passa por um período de desorganização, buscando equilíbrio entre os padrões que lhes serviam anteriormente e as exigências de sua nova situação.

Porém, algumas transições na família não dizem respeito ao seu desenvolvimento. Constituem-se em eventos/acontecimentos inesperados, comuns a vida moderna, como o divórcio, desemprego, recasamento, as doenças, entre outros. As crises motivadas por estes acontecimentos imprevisíveis (CARTER e MCGOLDRICK, 1995, p.12) são conhecidas como *situacionais* (situação inesperada específica e casual).

A Teoria Sistêmica, desde sua criação, vêm sendo apropriada por profissionais de diferentes áreas. Um exemplo desta apropriação está na Terapia Familiar.

A Terapia Familiar é um método criado interdisciplinarmente por profissionais do Serviço Social, Psiquiatria e Psicologia, que pretendiam trabalhar a família em sua totalidade e sem a fragmentação das ciências. Ela se assenta sob quatro aspectos básicos que a diferencia dos outros métodos adotados para se trabalhar a família, que são: a comunicação, que na Terapia Familiar é transacional; as diferentes formas de intervenção dos profissionais, que podem ser verbais e não-verbais; o centro da atenção do profissional, que não é o indivíduo e sim o sistema familiar; e ainda desenvolve um sistema de

trocas/comunicação no sistema familiar, antes mesmo de iniciar o atendimento propriamente dito. Assim, na Terapia Familiar o profissional não utiliza a família somente como um instrumento para auxiliar no diagnóstico ou acompanhamento, mas sim para transformá-la, modificando seu sistema de interação para que ela “funcione melhor” (WALROND-SKINNER, 1976).

Apesar de algumas limitações e do caráter funcionalista da Terapia Familiar, ela contribuiu para o avanço dos estudos sobre o tema, tanto em aspectos teóricos como metodológicos (MIOTO, 1998), que proporcionaram uma melhora nos processos de atenção à família.

### **2.3 Grupos**

Desde o seu nascimento, o indivíduo participa de diferentes tipos de grupo, em que busca, dialeticamente sua identidade individual e sua identidade grupal e social (ZIMERMAN, 1997). Assim, “a estrutura de qualquer indivíduo requer a sua participação em grupo” (ZIMERMAN, 1997, p.26).

A maior parte do tempo de sua vida, o indivíduo convive e interage com distintos grupos, sendo que cada um tem suas características próprias, pois o grupo é uma “entidade” com leis e mecanismos próprios, e não somente a somatória de indivíduos (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p.30; ZIMERMAN, 1997, p.28). Ele tem uma “cara” e uma identidade própria, que vão se constituindo através das histórias e visões de mundo de cada um de seus participantes. Por este motivo, a comunicação é um elemento de especial importância no campo grupal.

De acordo com Zimerman (1997, p.30), o campo grupal constitui-se “como uma galeria de espelhos, onde cada um pode refletir e ser refletido nos, e pelos outros”. Este

aspecto revela a interação e o potencial existente entre os participantes do grupo para o seu reconhecimento enquanto redes de apoio uns dos outros, que Zimerman (1997, p.47) coloca como um:

importante critério de crescimento mental, embora possa parecer paradoxal, é aquele que, ao contrário de valorizar sobremaneira que o indivíduo esteja em condições de haver-se sozinho, a terapia grupal deve visar que, diante de uma dificuldade maior, o sujeito possa reconhecer a sua parte frágil, permita-se angustiar-se e chorar e que se sinta capaz de solicitar e aceitar uma ajuda dos outros.

Além destes aspectos levantados, existem ainda alguns fundamentos técnicos que devem embasar o trabalho em grupo.

Zimerman (1997, p.40) nos diz que o coordenador/facilitador deve ter algumas capacidades e atributos desejáveis para um bom rendimento do grupo, que são:

Gostar e acreditar em grupos; Amor às verdades; Coerência; Senso de ética; Respeito; Paciência; Contínente; Capacidade negativa; Função de ego auxiliar; Função de pensar; Comunicação; Traços caracterológicos; Modelo de identificação; Empatia; e síntese e integração.

Estas são funções, características e atributos considerados “indispensáveis” para o trabalho com grupos.

Outro elemento que normatiza o trabalho com grupos é a confecção de um contrato com os participantes, também denominado “enquadre” (*setting*) pelos grupoterapeutas. Neste documento, estão especificadas as “regras do jogo”, em que “além de ter os objetivos claramente definidos, o grupo deve levar em conta a preservação do espaço (os dias e locais das reuniões), de tempo (horários, tempo de duração das reuniões, etc.), e a combinação de algumas regras e outras variáveis que delimitem e normatizem a atividade grupal proposta” (ZIMERMAN, 1997).

A comunicação é outro elemento fundamental para o trabalho em grupo. Ela deve ser uma característica do coordenador/facilitador, pois é a sua linguagem que determina o sentido e as significações das palavras para o grupo. Ele deve se ater tanto no conteúdo

como na forma como a mensagem está sendo emitida. O tamanho do grupo também é importante para que se possa manter uma boa comunicação entre os indivíduos do grupo, sendo que este “não pode exceder o limite que ponha em risco a indispensável preservação da comunicação, tanto visual como a auditiva e a conceitual” (ZIMERMAN, 1997, p.28).

Os vínculos estabelecidos dentro do grupo entre os participantes e o coordenador são de extrema importância uma vez que

tem papel essencial em toda e qualquer ação que objetiva mudanças e transformações, funcionando como o elo de uma corrente que liga os indivíduos, favorecendo a ampliação do modo de sentir e perceber a si mesmo e ao outro (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p.32).

O coordenador/facilitador deve estabelecer com o grupo, um vínculo com

caráter libertador, que permita a expressão de questões pessoais e conduza a autonomia, abrindo espaço para novos questionamentos, quebrando preconceitos e impedindo que os rótulos se tornem permanentes e os papéis fixos” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p.32).

Conforme a proposta de trabalho do LEIFAMS para este tipo de atendimento a atividade de grupo realizada tem caráter reflexivo e de crescimento, em que os participantes trocam experiências, vivências, valores e conhecimentos, e são discutidos os assuntos de interesse do grupo com foco educativo-informativo e terapêutico. Zimerman (1997, p.47) considera que este crescimento dos indivíduos do grupo consiste em “aprender com as experiências emocionais que acontecem nas inter-relações grupais”.

Para atingir os objetivos propostos, a equipe optou por utilizar o método da “oficina”, que é uma atividade desenvolvida de forma descontraída, reunindo pessoas e estimulando questionamentos, a troca de experiências e o sentido de grupo. Ela é uma prática de trabalho que se preocupa com o processo de aprendizagem e de educação. Desta forma, a equipe não dá somente as respostas prontas às perguntas feitas pelos participantes, mas também os estimula a procurarem juntos, alternativas para tais situações. Este tipo de trabalho exige um grupo pequeno de no máximo 15 a 20 pessoas, devido ao seu caráter

reflexivo, onde todos trocam experiências, vivências, lembranças entre outros. Na oficina, “não se aprende só com a cabeça, só com o intelecto, a aprendizagem se faz também com o coração e o corpo, saber, sentir e fazer” (MIMEO).

Com base nestas discussões, iniciamos o trabalho com as famílias tendo como referência às noções citadas acima.

### CAPÍTULO 3

#### A DESCRIÇÃO DE UM GRUPO

A partir da construção da metodologia, a equipe foi em busca de parceiros que pudessem estar encaminhando as famílias.

Com base na relação das instituições que tínhamos maior acesso, optamos por levar a proposta para um Centro de Educação Infantil, visto que um dos nossos objetivos era trabalhar a prevenção, o que nos levou a definir como nosso público alvo as famílias com crianças de até 6 anos (idade pré-escolar) matriculadas neste local. Bradt (1995, p.206) ao falar sobre esta fase do ciclo vital familiar (famílias com filhos pequenos), considera que “não existe nenhum estágio que provoque mudanças mais profundas ou signifique desafio maior para a família [...] do que a adição de uma nova criança ao sistema familiar”. Com elas poderíamos estar fazendo um trabalho preventivo, considerando, como já foi colocado anteriormente, que a família é importante para a resolução dos conflitos.

A proposta de trabalho realizada no referido Centro de Educação Infantil tinha como objetivo geral à criação de metodologias interdisciplinares de atendimento à família, e como objetivos específicos: Promover e assistir a família, na busca da Promoção do



Sistema Familiar; Despertar na família a consciência de suas responsabilidades e a busca pela garantia de seus direitos; Mobilizar a família a buscar soluções para o enfrentamento de seus conflitos e crises; Contribuir com as famílias no processo de educação e desenvolvimento de seus membros; e, Levar a família a reconhecer e fortalecer sua rede de apoio e acessá-la.

O trabalho de assistência às famílias no LEIFAMS foi dividido em duas fases. Num primeiro momento formamos um grupo de trabalho com famílias. A segunda fase, realizada com estas quando a equipe julgar necessário, aconteceu através de atendimento interdisciplinar em equipe ou direcionado, voltada especificamente ao grupo familiar. Aqui privilegiaremos o trabalho realizado no grupo com famílias.

## 1 A PROPOSTA DO GRUPO

A atividade de grupo de acordo com a proposta estabelecida pelo LEIFAMS tem foco educativo-informativo e terapêutico, com caráter reflexivo e de crescimento, em que todos trocam experiências, vivências, valores e conhecimentos e são discutidos assuntos de interesse do grupo.

Concomitante ao andamento do trabalho em grupo, foi designado um membro da equipe para observar e registrar as questões metodológicas, as expressões/reações e reflexões oriundas dos participantes, e além disto os encontros foram filmados e arquivados, para efeitos de pesquisa.

## 1.1 Os participantes do grupo

O grupo foi constituído de seis famílias com crianças até 6 (seis) anos de idade, vinculadas ao referido Centro de Educação Infantil.

A escolha por trabalhar com famílias com filhos pequenos, veio do interesse da equipe em trabalhar a prevenção de algumas das crises advindas desta fase, que é considerada como a de maiores desafios para a família (BRADT, 1995, p.206).

Alguns obstáculos desta fase estão relacionados ao espaço que a criança tem ao nascer. Segundo Bradt (1995, p.210) pode não haver espaço para a criança na família quando esta nasce, pois “todo o espaço familiar disponível pode já estar ocupado com outras atividades ou relacionamentos”. Existe o outro extremo também, em que a família está centrada na criança, no relacionamento “progenitor-criança”, isto impede o envolvimento em outros relacionamentos fora da família e ainda “corrói todos os relacionamentos conjugais” (BRADT, 1995, p.217).

Além disto, tem a questão da intimidade e do sexo. A presença de uma criança em casa, “especialmente uma criança mais velha” (BRADT, 1995, p.212), impede a privacidade dos pais, mesmo que estejam no seu próprio quarto, pois a ameaça e a preocupação causadas, ocupam a mente do casal.

Esta fase é caracterizada pela aceitação e adaptação frente ao novo membro da família. Isto implica a realização de dois papéis, enquanto esposos (como já vinham fazendo) e enquanto pais, responsáveis pela educação dos filhos. Para que estes papéis sejam “exercidos com relativa harmonia”, é necessário que o casal possua “um certo equilíbrio vincular” (RAMOS, 1990, p.17). A autora usa o exemplo de uma mulher que não conseguiu tornar-se independente em relação a sua família de origem, o que resultaria

que a mesma, provavelmente deixaria seu filho aos cuidados da sua mãe, devido considerá-la “mais experiente” (RAMOS, 1990, p.18).

Desta forma, a equipe estaria trabalhando as questões referentes ao desafio da família com filhos pequenos, colaborando para promover o sistema familiar no que se refere à melhoria da qualidade de vida e a manutenção de relações saudáveis em seu interior.

### **1.2 A duração do grupo**

O grupo se reunia quinzenalmente, durante um período de 4 (quatro) meses. Os encontros tinham a duração de duas horas, aproximadamente, cuja programação envolvia os seguintes momentos: aquecimento, com o objetivo de desinibir o grupo e motivá-los para a discussão; discussão do tema; coffee break e fechamento, onde é feita a avaliação do encontro pelos participantes. Para tanto, a equipe reuniu diversas técnicas, dinâmicas, textos, jogos entre outros, a fim de alcançar a intencionalidade dos encontros.

## **2 A FORMAÇÃO DO GRUPO**

Após o contato com o Presidente do Conselho Comunitário, responsável pela coordenação do Centro de Educação Infantil, iniciamos a procura pelas famílias interessadas em participar do trabalho em grupo.

Desta forma, pedimos à coordenação da creche, que selecionasse as famílias que estivessem de acordo com os critérios de elegibilidade para participar do trabalho, que

eram as famílias em formação, com filhos até 6 (seis) anos de idade. As famílias determinariam quantos de seus membros participariam do grupo, sendo que a equipe estava tomando os devidos cuidados com o tamanho do grupo, pois segundo Zimmerman (1997, p.28) “o tamanho de um grupo não pode exceder o limite que ponha em risco a indispensável preservação da comunicação, tanto visual como a auditiva e a conceitual”.

Com base na relação das famílias que o Centro de Educação Infantil nos enviou (num total de 46 famílias), elaboramos um convite, que foi enviado pela agenda da criança, para saber quais famílias tinham o interesse em participar do grupo. Neste convite estavam especificados os dias e horários do trabalho em grupo, e havia um espaço onde deveria ser colocado o nome e respondido se gostariam de participar do mesmo.

Retornaram 22 respostas, 17 famílias tinham interesse em participar do grupo, e 5 não. Entre as famílias que responderam não, algumas colocaram que gostariam de participar, porém não poderiam devido ao horário proposto (16:30 às 18:30 hs).

Com as respostas e os nomes das famílias em mãos, formulamos outro convite, agora para uma reunião, em que seriam esclarecidos alguns pontos do trabalho.

A reunião foi marcada para o dia 29 de maio de 2002 e compareceram 8 (oito) mulheres, correspondentes a 8 (oito) famílias. Nesta, esclarecemos alguns pontos como: o projeto, que se trata de uma pesquisa de um grupo da Universidade Federal de Santa Catarina, que busca verificar se a forma proposta de trabalhar com estas famílias produz resultados positivos e quais estes resultados; o funcionamento do trabalho em grupo, que seria desenvolvido através de encontros quinzenais, abordando temas relacionados à família, com destaque para as questões de saúde, educação, desenvolvimento infantil, relações familiares e sociais.

Explicamos ainda às participantes que a equipe seria dividida em duas facilitadoras, duas auxiliares e uma observadora, sendo que estes se revezariam para que os membros da

equipe pudessem realizar todas as atividades e para que o grupo os conhecesse. Estas atividades referem-se à:

Observadora – Para efeitos de pesquisa, uma pessoa é responsável por anotar as falas e as percepções que tem acerca do grupo e da participação de cada um;

Auxiliares – Responsável pela filmagem do encontro, conforme contratado no Termo de Consentimento e para auxiliar as facilitadoras na distribuição dos materiais, para colocar músicas e controlar o horário;

Facilitadoras – também conhecido como coordenador, são as pessoas responsáveis pela condução das atividades do grupo. Segundo Zimmerman (1997), o coordenador deve ter alguns atributos e funções indispensáveis, como vimos anteriormente.

Falamos ainda sobre a possibilidade do atendimento individualizado à família, que poderia se dar quando a equipe ou a própria família sentisse necessidade.

Por fim, explicamos sobre a questão do sigilo e ainda àquelas específicas da pesquisa, por exemplo, a necessidade de filmagem, gravação e registro escrito das atividades realizadas nos encontros, pontos que seriam resgatados no próximo encontro, quando as participantes do grupo assinariam o Termo de Consentimento.

Nesta reunião, a equipe aplicou uma técnica que denominamos de “quebra-cabeça” para que as participantes pudessem levantar os temas que gostariam de estar discutindo e aprofundando nestes encontros. Os temas trazidos pelo grupo foram:

- “Educação dos filhos”;
- “Saúde x limites x prevenção”;
- “Educação x pais e filhos x saúde x comportamento”;
- “Como lidar com ciúmes entre filhos em relação à mãe”;
- “Comportamento da criança e como agir com elas”;
- “Como dizer não para ela? Posso interferir quando o pai briga”?

- “Como ensinar o desenvolvimento e tratamento com o pai”.

Ao final da reunião, a equipe se reuniu para fazer a avaliação. Esta avaliação foi um instrumento construído pela equipe, que privilegia vários aspectos do processo grupal, como o manejo com o grupo, as dificuldades encontradas, os pontos positivos, a adequação das técnicas ao grupo e ao tema, o local, o tempo, o aprendizado que a equipe teve com o grupo, entre outros. Este é um aspecto importante da metodologia utilizada pelo grupo. A avaliação é feita após o encontro para que a equipe não perca nenhum dado que tenha observado, pontuando as discussões e evitando observações paralelas.

Inicialmente a equipe havia pensado em trabalhar os temas cronologicamente, passando pela história familiar, as questões da família de origem, do casal, do relacionamento familiar, para então chegarmos na educação dos filhos. Porém, nessa primeira reunião, ficou claro que teríamos que redimensionar essa idéia para responder às demandas do grupo que ditam o andamento das discussões, pois como diz Serrão e Baleeiro (1999, p.29) não é possível ao facilitador/coordenador “determinar com exatidão aonde chegará o grupo, pois este tem um tempo próprio e um ritmo específico, além de particularidades que só se revelarão à medida que o trabalho avançar”.

A partir daí iniciamos o processo com o grupo e sua organização.

### 3 A VIDA DO GRUPO

Com o grupo formado, a equipe começou a organização de cada encontro. Nesta fase, o exercício interdisciplinar se tornou mais visível, uma vez que discutíamos os temas

e os posicionamentos de cada disciplina em relação a um determinado assunto, a fim de construir um conhecimento “novo”.

Em seguida, descreveremos cada encontro a partir de três aspectos: a preparação; o encontro em si; e a avaliação dos mesmos. Lembramos que a descrição deste processo foi realizada sob o olhar de um membro da equipe, guardando assim, restrições quanto a sua totalidade. Salientamos ainda que nestas descrições estão sendo seguidos os preceitos éticos das profissões, respeitando o sigilo e anonimato das pessoas, das famílias e da instituição.

A preparação dos encontros previa o levantamento do tema demandado pelo grupo, a discussão do mesmo, a escolha da forma como trabalhá-lo no grupo, a definição das técnicas, dinâmicas, vivências e textos para cada atividade, entre outros aspectos como a divisão das tarefas na equipe. No item “o encontro”, descrevemos como o mesmo aconteceu, incluindo falas das participantes e as intervenções das facilitadoras para uma melhor ilustração. No que se refere ao aspecto da avaliação dos encontros, abordamos questões levantadas tanto na avaliação da equipe como na do grupo, apontando alguns encaminhamentos que deveriam ser vistos nos próximos encontros.

### **3.1 O primeiro encontro**

#### *3.1.1 A preparação*

Denominado “A Acolhida”, a programação do encontro, previa a leitura do Termo de Consentimento e de duas atividades/técnicas, onde buscamos trabalhar as funções familiares, a fim de perceber o espaço que cada um tem dentro da família e conhecer mais sobre a organização e dinâmica familiar dos participantes.

Com a programação do encontro pronta (Anexo 2), a equipe reuniu-se para discutir quem assumiria a condução do encontro e das demais atividades. Ficou definido que Wanda (Psicóloga) e Greicy (estagiária de Serviço Social) iriam facilitar o encontro; Karla (Assistente Social) e Pablini (Bolsista de iniciação científica – estudante de enfermagem) seriam auxiliares e Cristiane (Assistente Social) a observadora.

### *3.1.2 O encontro*

No dia 12 de junho de 2002, aconteceu o primeiro encontro do grupo com famílias do LEIFAMS. Estiveram presente 6 participantes. As facilitadoras iniciaram as atividades com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O encontro seguiu a programação com a técnica das “gravuras”, que tinha por objetivo identificar o conceito dos participantes do grupo a respeito de “família”. Nesta técnica as participantes deveriam escolher figuras que representassem o que elas pensam como família, e deveriam, resumir seu pensamento em três palavras.

As participantes<sup>1</sup> trouxeram as seguintes palavras:

- “Ceder, união e solidariedade” (Maria);
- “Amor, companheirismo e união” (Nair);
- “União, respeito e amor” (Silvia);
- “Amor, compreensão e respeito” (Ana);
- “Respeito, amor e convivência” (Cristina);
- “Companheirismo e harmonia” (Fabiana). A participante Fabiana escolheu outra figura, porém disse que não havia nada a dizer sobre a mesma. As facilitadoras perguntaram que figura era àquela, e ela mostrou a figura de uma panela de pressão em

---

<sup>1</sup> Os nomes indicados das participantes são fictícios, respeitando o sigilo e anonimato das pessoas.



ponto de estourar. Fabiana perguntou o que era a figura. Outra participante, a Nair, explicou que era um homem: na barriga estava a panela de pressão e sua cabeça era o pino. As facilitadoras colocaram que o pino, ou seja, a cabeça é quem faz a média da temperatura de dentro para fora. Então as facilitadoras perguntaram o que ela pensou quando pegou aquela figura e Fabiana respondeu: “Pensei... o que pensa isto mesmo. Lá em casa tem muita explosão”. Então pedimos que ela dissesse em uma palavra o que representava a figura e ela disse “conflito”.

As facilitadoras abriram para o grupo se todas concordavam com esta idéia de conflitos na família, e todas concordaram com Fabiana. Além disto as participantes foram perguntadas quanto ao que elas estavam considerando como família, se era apenas a sua família nuclear ou se os pais também estavam envolvidos. Todas, ao darem as três palavras que significavam família, referiram à sua família ampliada. Segundo Maria, ela não consegue pensar na sua família sem envolver a sua família de origem e a do seu *companheiro*.

A partir daí elas trouxeram experiências destes conflitos dentro de suas famílias, principalmente na família de origem, quando Maria falou sobre a questão da violência que marcou muito ela. Somente depois de adulta ela soube o verdadeiro motivo da separação de seus pais, pois seu pai bebia e batia em sua mãe, mas ela guardava em segredo. Maria conta ainda que quando seu pai chegava em casa bêbado, sua mãe mandava os filhos para a casa da avó, para que eles não soubessem e não presenciassem nada.

Fabiana colocou que os pais da Maria sempre preservaram os filhos e perguntou para Maria qual seria a diferença entre os filhos saberem ou não. Maria colocou que se sentiu um pouco traída, pois sempre pensou que a mãe fosse a culpada da separação, mas ela acha que foi melhor, pois tem uma imagem boa do seu pai e isto faz com que ela queira também preservar os seus filhos.

As facilitadoras colocaram que cada caso é um caso e existem várias formas de se ver a família, conforme foi dito pelos participantes na técnica. Então fizeram uma relação com o casamento e o contrato, onde ficam implícitos ou explícitos os acordos entre as relações familiares. Além disto, os casais não sabem *a priori* o que dará certo e o que não dará, o importante então, é fazer juntos e não deixar que um só resolva os problemas e conflitos pelos quais a família está passando, ou planeje os projetos familiares sozinho.

Após o “cafezinho” foi realizada a segunda atividade que foi uma “dramatização”. Nesta, o grupo foi dividido em dois subgrupos e estes elegeram uma situação do seu cotidiano familiar para dramatizar.

O primeiro grupo, em que estavam envolvidas Maria, Ana e Silvia, dramatizou a cena da mãe trabalhando em casa enquanto o filho pede coisas para a mãe. Ela pede ajuda para o companheiro e ele nega dizendo que já trabalhou e agora é sua hora de descansar.

O segundo grupo, que eram a Nair, a Fabiana e a Cristina, apresentou a mãe *chegando em casa e conferindo se a filha (de dez anos) fez o que ela pediu que fizesse*. Esta filha pede ajuda no seu dever de casa (estudar a tabuada) e ela ajuda um pouco enquanto está fazendo a janta. Neste momento a vizinha chega e pede para usar o telefone e a dona da casa diz que não, pois seu marido está dormindo e ele não gosta de ser incomodado no seu sono. *A vizinha fica esperando que o homem acorde, e a filha pára de fazer os deveres de casa*.

Em seguida as facilitadoras abrem para a discussão. Nair diz que “esta cena realmente aconteceu ontem e que foi exatamente assim”. Como seu marido trabalha de motoboy e de frentista em um posto, ele fica pouco tempo em casa e tem pouco tempo para dormir, e a vizinha sempre aparece na hora que ele está dormindo. Nair diz que quando o marido dorme, elas ficam bem quietinhas para deixá-lo descansar.

O primeiro grupo falou sobre a divisão de tarefas entre marido e mulher, pois o pai sempre acha que deve descansar ao chegar em casa, e esquece que o filho precisa de atenção. Outro aspecto levantado foi em relação à requisição do filho pela mãe. As participantes colocaram que a mãe é o centro da família, é a que faz a mediação das relações familiares.

Nair falou ainda sobre a correria que é o seu dia-a-dia, e o pouco contato que tem com seu marido devido à necessidade de ter dois empregos. A participante colocou inclusive, sobre a questão do sexo, que ela tem problemas. No horário em que seu marido está em casa, suas filhas ainda estão acordadas e por este motivo ela não acha tempo para se relacionar com seu companheiro. E no seu caso, ele sexualisa muito a relação e para ele “se tem sexo, tem todas aquelas coisas que nós colocamos ali, amor, união, compreensão” (Nair).

Enquanto semelhança entre as duas cenas, as participantes colocaram a sobrecarga da mãe em relação aos afazeres de casa. Segundo elas, os homens não consideram os empregos que elas tem, e por isto não contribuem com as tarefas domésticas.

Ao final do encontro, as participantes preencheram a ficha de avaliação, sendo que não precisariam se identificar. Após a saída das participantes realizamos a avaliação da equipe.

### 3.1.3 A avaliação

Na avaliação da equipe merecem destaque os seguintes aspectos: o fato de a equipe ter dificuldade para controlar o tempo de fala de algumas participantes; a necessidade delas de falarem; a valorização por parte delas, do espaço do grupo como um local de aprendizagem; entre outros. Alguns encaminhamentos para o próximo encontro foram o de

diminuir o tempo e quantidade de atividades devido à necessidade das participantes falarem; dispor o grupo em círculo e não em meia lua como aconteceu neste primeiro, pois isto dificulta o contato visual e a comunicação entre os participantes (ZIMERMAN, 1997).

A temática do encontro girou em torno da divisão de tarefas entre a mulher e o homem na família, a correria/estresse do dia-a-dia, atenção aos filhos, companheiros com 2 e até 3 empregos (diríamos subempregos), sexo, entre outros. Surpreendeu a equipe o fato das participantes trazerem para um primeiro encontro questões tão pessoais, sem ter uma proximidade maior com a equipe e com o próprio grupo. Isto nos levou a acreditar que seria fácil manter um bom vínculo afetivo com as participantes, o que facilitaria o trabalho. Segundo Serrão e Baleeiro (1999, p.32)

o vínculo tem papel essencial em toda e qualquer ação que objetiva mudanças e transformações, funcionando como o elo de uma corrente que liga os indivíduos, favorecendo a ampliação do modo de sentir e perceber a si mesmo e ao outro.

Este vínculo que o facilitador estabelece com o grupo

deve ter caráter libertador, que permita a expressão de questões pessoais e conduza a autonomia, abrindo espaço para novos questionamentos, quebrando preconceitos e impedindo que os rótulos se tornem permanentes e os papéis fixos. (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p.32).

## 3.2 O segundo encontro

### 3.2.1 A preparação

Elaboramos a programação do segundo encontro (Anexo 3) denominado "A Descoberta", que foi voltado aos direitos e deveres da família, com o objetivo de identificá-los, e refletir sobre a importância do grupo. Este tema surgiu a partir do último encontro onde as participantes levantaram várias dúvidas e reclamações em relação à divisão de tarefas na família. Para este encontro a equipe se dividiu da seguinte maneira: as

facilitadoras foram Cristiane (Assistente Social) e Pablini (estudante de Enfermagem); Greicy (estagiária de Serviço Social) cronometrou e auxiliou; Wanda (psicóloga) foi observadora e Karla (Assistente Social) foi auxiliar/cinegrafista.

### 3.2.2 *O encontro*

Estiveram presentes no segundo encontro, realizado no dia 27 de junho, 5 (cinco) participantes. Iniciamos a realização das atividades programadas com uma técnica de aquecimento, que visa estimular a participação do grupo nas atividades e facilitar a integração dos membros. A técnica denominava-se “Uma viagem de navio” e consistia na leitura de um texto que contava a história de uma viagem de navio. As participantes foram convidadas a entrar neste barco e viajar junto com a história. Para isto foi desenhado no chão um barco e elas entrariam neste desenho e acomodar-se-iam como desejassem. Na história haviam momentos de tranqüilidade e de tormentas com a aproximação de uma tempestade.

Após a leitura da história, as participantes falaram sobre a experiência. Maria falou que no início não gostou muito, pois tem medo de água/mar. Porém depois que ela percebeu que não estava sozinha, que as outras participantes estavam com ela, esse medo passou.

Sílvia colocou que também teve medo, mas foi na hora da tempestade, e da mesma forma que Maria, quando percebeu que não estava sozinha neste barco, ela se sentiu mais tranqüila. Ela colocou ainda que quando ela viu toda aquela tranqüilidade no início da viagem e de repente veio a tempestade, ela pensou “estava muito bom pra ser verdade”. Além disto, Sílvia falou que tudo o que ela sentiu no barco ela também sente “lá fora”, quando os problemas aparecem.

Cristina falou que ao mesmo tempo que é bom, tem problemas também, “porque às vezes não estamos bem com quem está dentro do barco junto com a gente”.

Maria entrevistou falando que outras vezes não estamos bem “consigo mesma” e como podemos ajudar o outro se nós não conseguimos melhorar.

As facilitadoras colocaram que na família acontece o mesmo que no barco. Há momentos de tranquilidade e momentos de conflito e tempestade, e que nós temos que estar preparadas para dar o equilíbrio para este barco (família) para ele não afundar. Outros momentos as outras pessoas da família é que darão o equilíbrio, quando nós não estivermos em condições. As facilitadoras lembraram que isto acontece em todo o lugar, não só na família, mas também no grupo, como falou Maria. Ainda lembraram que não adianta pular deste barco, é preciso se ajudar para enfrentar as situações de tempestade, pois “nós somos responsáveis também pelos outros”.

Passamos para a segunda atividade que foi relacionada aos “Direitos e Deveres na Família”, em que cada participante recebeu uma ficha de trabalho (Anexo 3) onde constava uma tabela que deveria ser preenchida com os direitos e deveres que elas vêem como de cada membro da família. Sílvia teve dificuldades e perguntou o que seriam os direitos e os deveres. As facilitadoras explicaram e deram alguns exemplos. Fabiana também teve certa dificuldade de responder, então as facilitadoras explicaram novamente para ela. Elas preencheram a ficha e em seguida apresentaram.

No geral os direitos que apareceram em relação a elas foi o de ser cuidada e ter atenção. Um aspecto interessante observado foi que Ana colocou que tem o direito de ser compreensível e amável. Duas participantes colocaram o direito ao lazer. Nos deveres, apareceram as responsabilidades com as tarefas de casa e da educação e proteção dos filhos.

Relacionado aos companheiros, as participantes colocaram os direitos ao lazer, a educação, à saúde, de ser amigo, de respeito, de ser assistido, de ser companheiro, de trabalhar, entre outros. Aos deveres dos companheiros, as participantes colocaram que eles devem manter a casa, ajudar com as tarefas de casa, trabalhar, etc.

Aos filhos homens, as participantes colocaram como direitos: ajudar em casa, à educação, saúde, a brincar, e aprender os ensinamentos da família (“os bons, né” (Fabiana)).

As filhas mulheres elas elencaram os seguintes direitos: respeito, educação, saúde, apoio dos pais, e a brincar.

Os deveres dos filhos são: respeito pelos pais, ter educação (respeitar), estudar, e brincar.

As facilitadoras perguntaram se alguém tinha algo a acrescentar, pois na ficha havia um espaço para colocar os direitos e deveres dos outros que moram junto com a família. Silvia colocou que os outros têm o direito “de não se meter” e o dever de “ajudar quando necessário”.

Em seguida as facilitadoras foram fechando o conteúdo e trabalhando as questões dos direitos e deveres. Elas colocaram que muitos apareceram iguais para todos os membros da família. Silvia falou que tem muitos deveres, “trabalho fora, tem que cuidar da casa, do filho... e o marido?”. Ela falou ainda que agora seu marido está dividindo mais com ela a responsabilidade com o filho. Fabiana lembra que o pai deve ajudar em todas as horas, mas não é isto que acontece.

As facilitadoras lembraram da primeira técnica do barco, que acontece igual, estamos todos no mesmo barco e temos que dividir as tarefas para não sobrecarregar. Cristina dá o exemplo de sua casa, que ela divide com seu marido da seguinte maneira,

“ele faz o que ele gosta e eu faço o que eu gosto, ele gosta de cozinhar, eu não; eu gosto de lavar a louça, ele não”.

Maria coloca que está vivendo um momento bem legal, pois eles estão tentando “salvar o casamento”, estão “tentando viver em família”, distribuindo as responsabilidades da educação e proteção dos filhos.

As facilitadoras falaram ainda que através da fala das participantes é possível perceber que há alguns direitos e deveres relacionados às relações familiares (respeito, compreensão) e outros relacionados a órgãos governamentais como saúde e educação. Maria levantou a questão de que muitas vezes elas tem dificuldades de reconhecer os direitos e deveres e acaba se confundindo. As facilitadoras falaram da necessidade de conhecê-los até mesmo para saber onde buscá-los.

Após o cafezinho as facilitadoras explicaram melhor a avaliação, pois havíamos percebido que as participantes não tinham compreendido alguns pontos da mesma no último encontro. Ao término do grupo, a equipe se reuniu para fazer a avaliação da equipe.

### *3.2.3 A Avaliação*

Um aspecto positivo do segundo encontro foi o retorno de algumas participantes em relação aos resultados que já estão aparecendo. Um dos fatos que podem estar colaborando para este “crescimento” dos integrantes do grupo, pode estar relacionado ao próprio processo grupal, pois no grupo é possível “aprender com as experiências emocionais que acontecem nas inter-relações grupais” (ZIMERMAN, 1997, p.47).

Alguns temas que foram discutidos no grupo foram: Gênero, Direitos e Deveres dos membros da família, Ciúme dos filhos em relação à mãe, Educação dos filhos, Violência contra a criança e Auto-estima.



Os pontos da avaliação da equipe que consideramos importantes foram o uso do cartão amarelo e vermelho (técnica criada para controlar o tempo de fala da equipe e dos participantes) que funcionou muito bem, inclusive este foi um ponto na avaliação de uma participante, que colocou que a participação do grupo foi boa porque “todos apresentaram suas questões”. Um aprendizado que tivemos com este grupo, foi que as participantes já vêm aquecidas, então não é necessária a realização de uma técnica exclusivamente para este fim (aquecimento). O ideal é fazermos somente uma atividade que sirva de aquecimento e discussão/reflexão do tema proposto.

### **3.3 O terceiro encontro**

#### *3.3.1 A preparação*

Iniciamos a programação do terceiro encontro que consta no anexo 4, que foi chamado de “O que é ser criança”, em que buscávamos levar as participantes a relembrem de sua infância e depois levantar os pontos que caracterizam uma criança.

Para tanto, pensamos em fazer algo com argila, que além de ser um material terapêutico (que ajuda a descarregar as energias e estresse do dia-a-dia), também poderia levar as participantes a entrarem em contato com sua infância.

As funções de cada membro da equipe ficaram definidas assim: Wanda (Psicóloga) e Greicy (estagiária de Serviço Social) facilitariam/coordenariam o encontro; Pablini (estudante de Enfermagem) observaria; e Cristiane (filmagem) e Karla (Assistentes Sociais) auxiliariam.

### 3.3.2 O encontro

Iniciamos o terceiro encontro que teve como objetivos, levá-las a entrar em contato com o ser criança, e refletir sobre o comportamento das crianças e suas características. Neste, estiveram presentes 3 (três) participantes, sendo que das outras, 1 (uma) não pode ir por motivos de doença. A equipe imagina que as outras não se fizeram presentes devido às férias na creche, o que dificulta a participação de algumas que não tem quem cuide de seus filhos.

Na técnica denominada “o que é ser criança” utilizamos a argila, como havia sido programado. Nesta argila, as participantes deveriam representar os filhos brincando no ambiente familiar. Durante a técnica, colocamos músicas infantis para facilitar o contato com o “ser criança”. Após esta atividade, elas apresentaram seus trabalhos e entramos na reflexão e discussão dos temas que elas trouxeram na apresentação.

Nair representou na argila a filha brincando em sua casinha de boneca, e disse que gostou de pensar sobre o que sua filha gosta de brincar. Ela acha que sua filha tem um “extinto maternal”, pois ela reproduz na boneca e na sua casinha tudo o que Nair faz em casa e com a filha.

Ana desenhou as formas que sua filha gosta de brincar. De acordo com ela “ele gosta de ser a mãe, nunca quer ser a filhinha [...] eu sempre tenho que ser a filhinha dela”. Ana falou ainda que se sentiu novamente como uma criança ao mexer na argila

Silvia também se sentiu criança ao lembrar das coisas que fazia na sua infância. Ela representou uma bola, pois seu filho adora brincar de bola, e também representou os lápis de cores, que ele gosta e ela o estimula acreditando que será positivo para o futuro, no momento que ele entrar para a escola. Silvia disse que não gosta que ele brinque com arminhas ou de luta.

Em cima do que as participantes trouxeram, as facilitadoras falaram da relação que tem as brincadeiras com o desenvolvimento infantil das crianças, e a importância do brincar para o aprendizado dos papéis e funções que elas observam no interior da família.

Ana disse que sua filha, quando está brincando, resolve as coisas que acontecem na "vida real", por exemplo, quando ela briga ou xinga o pai, depois ela pede desculpa para suas bonecas como se elas fossem o pai. Silvia colocou que os sentimentos da criança aparecem mais facilmente durante as brincadeiras quando elas desenham o que sentem, por exemplo.

As facilitadoras colocaram que a brincadeira é a forma das crianças se expressarem, é a linguagem das crianças, assim como a nossa é a verbal. E além de expressar o que eles estão sentindo, eles também estão representando as coisas que estão aprendendo com os pais, com a família.

Silvia diz que ela acha interessante o fato de seu filho querer sempre brincar junto com ela. E ela sempre que possível cede um pouco do seu tempo para brincar com ele.

As facilitadoras comentaram sobre os papéis masculino e feminino que já aparecem na infância, quando as crianças brincam representando os papéis de mãe e pai. Falaram ainda que na brincadeira as crianças não somente representam as situações, mas são capazes de transformá-las para o que elas desejam. Outro aspecto levantado foi à questão das brincadeiras de meninos e meninas, que Silvia colocou que quer ensinar o filho a ajudá-la em casa para quando ele casar ajudar também sua esposa, quebrando este "tabu" de que os homens não devem desempenhar atividades domésticas.

Nair expressou sua dúvida em relação ao que a filha de 10 anos pode ou não fazer em casa. Ela tem medo de estar explorando sua infância, mas na verdade ela acha que não chega a tanto. Ela pede que a filha ajude em casa arrumando a louça depois do almoço,

porém ela dá tempo para que a filha brinque, estude e faça as outras coisas, sempre tentando respeitar seus limites.

As facilitadoras colocaram em questão, até que ponto nós estamos preparando os homens/meninos para ajudar nos afazeres de casa como cozinhar, varrer, ajudar com os filhos. Muitas mães ensinam as meninas para serem donas de casa, e os meninos para trabalharem fora, no espaço público, e isto faz com que os homens não tenham agilidade com certas tarefas domésticas. Silvia falou que pretende ensinar as coisas para seu filho, para que ele possa, no futuro, ajudar sua esposa.

*Em seguida as participantes foram perguntadas sobre a diferença entre a infância delas e a de seus filhos. Ana colocou que na infância dela havia mais “rédias” e hoje é tudo mais liberal. “Antes de sair de casa tínhamos que deixar tudo arrumado”. Nair disse que hoje eles estão mais desenvolvidos, inclusive a questão da sexualidade. Hoje eles aprendem isso na creche e no primário, e na época dela não. “É uma criação totalmente diferente [...] e por causa da minha criação eu não me sinto preparada para certas coisas”.*

As facilitadoras colocaram para as participantes se algum pai tem a solução certa para a criação dos seus filhos. Todas tentam acertar. Além disto, hoje a questão da educação não está somente na escola e na família. A mídia e a própria sociedade estão exigindo da criança um conhecimento inadequado para algumas idades. Além disto, os programas de televisão tem demonstrado certos valores e atitudes também inadequadas para a idade das crianças. A qualquer hora do dia assistimos a cenas de sexualidade e de violência. Outras questões também surgiram e foram discutidas no grupo.

Após o cafezinho a equipe leu o texto sobre os direitos das crianças que se encontra no anexo 4. Ao final do encontro nos reunimos para a avaliação da equipe.

### 3.3.3 A avaliação

Os temas discutidos no encontro ficaram em torno da educação dos filhos, limites, sexualidade, questões de gênero e histórias de vida (infância dos participantes).

Alguns aspectos importantes levantados pela equipe na avaliação foram: o êxito da técnica, em que conseguimos fazer com que as participantes entrassem em contato com a infância delas através da argila; que apesar da boa participação das pessoas, elas precisavam ser indagadas para que falassem a respeito de algo; e ainda em relação à postura das facilitadoras, que estavam mais descontraídas, menos formais, o que deixou o grupo com um clima tranquilo e também descontraído.

Neste encontro, como não havia creche, devido às férias, tanto a equipe como as participantes não deram muita importância para o tempo, mesmo assim, o encontro acabou no tempo previsto. O que chamou a atenção da equipe foi que as participantes não queriam sair da sala onde acontecem os mesmos. As facilitadoras se despediam e elas continuavam sentadas. Num determinado momento, elas falaram que “não dá vontade de ir embora”, que elas gostavam de estar ali, afinal “é tão bom”.

## 3.4 O quarto encontro

### 3.4.1 A preparação

Quando discutíamos sobre o tema do quarto encontro, nossa idéia inicial, era a de trabalharmos primeiro sobre o desenvolvimento infantil e depois sobre educação dos filhos. Porém, no último encontro, percebemos que elas já têm um certo conhecimento sobre desenvolvimento infantil, o que nos levou a definir que o quarto encontro será sobre educação dos filhos (métodos e recursos de comunicação). Então surgiu a idéia de

trabalharmos sob a forma de histórias em quadrinhos, onde a equipe formulou as histórias (o início delas), e as participantes terminariam as mesmas, sendo que elas colocariam as formas como conduzem tais situações. Assim as facilitadoras podem trabalhar em cima de novas alternativas para a educação dos filhos.

A partir daí iniciamos a elaboração do próximo encontro com a confecção das historinhas com temas relacionados a birra, ciúme e desobediência (assuntos demandados pelas participantes durante os outros encontros).

A equipe, durante a elaboração do quarto encontro, discutiu e concordou que seria importante para estas participantes estarem fazendo um relaxamento, pois elas têm uma vida muito corrida, e este momento proporcionaria a elas um instante de repouso. Porém, esta técnica ficaria como “carta na manga”, ou seja, caso houvesse algum imprevisto (as participantes não conseguirem interagir, por exemplo), e sobrasse tempo, o relaxamento seria utilizado.

As funções da equipe foram divididas da seguinte maneira: Cristiane (Assistente Social) e Wanda (Psicóloga), facilitaram; Greicy (estagiária de Serviço Social) observou; e Karla auxiliou (filmou). Pablini não estava presente por problemas de horário da universidade.

#### *3.4.2 O encontro*

No dia 31 de julho aconteceu o quarto encontro, denominado de “Educação dos filhos”, cuja programação encontra-se no anexo 5. Ele tinha por objetivos refletir sobre algumas alternativas de comunicação e sobre a postura de educação dos pais para com seus filhos. Estiveram presentes 3 (três) participantes. Uma ainda não voltou da viagem que fez durante as férias da creche.

Houve uma certa dificuldade para as facilitadoras redimensionarem o trabalho, que havia sido preparado para 6 participantes. Então, cada participante ficou com 2 (duas) histórias para terminarem, de forma que não repetissem os temas para as mesmas pessoas, sendo que elas deveriam completar as histórias com sua própria experiência, ou seja, como elas resolveriam tal situação.

Após as participantes terminarem a atividade, elas apresentaram o desfecho das histórias e as facilitadoras abriram para o debate.

Ana apresentou sua historinha, que era relacionada a “birra”, quando a criança, minutos antes da refeição, pede bala e a mãe resolve esta situação insistindo que não é hora de comer doces e que após a refeição ele ganhará a bala.

Em seguida Cristina apresenta sua história, também sobre “birra” e dá sua solução. Nesta, a mãe cheia de sacolas vai buscar seu filho na creche. Durante o caminho para casa ele pede colo. Cristina desenvolve a história dizendo que não pode pegar o filho no colo, pois está cheia de sacolas e que ao chegar em casa ela dará colo. O filho insiste, porém ela conversando com o mesmo faz ele compreender que no momento isto não é possível.

As facilitadoras intervêm neste momento dizendo que as ações delas estão de acordo com o que é possível e melhor para as crianças. Além disto, só elas têm a resolução destes problemas, pois elas é que conhecem seus filhos e sabem dos seus limites. E muitas vezes, na nossa família, nós temos as respostas para as nossas dúvidas, porém não acreditamos em nossa capacidade. As facilitadoras lembraram que não estão ali para falar o que é certo é o que é errado, mas para dar novas alternativas, porém só elas saberão se podem e quando utilizar novas formas com seus filhos.

Outro aspecto levantado foi que é preciso saber entender o que a criança está querendo realmente nestes momentos, se ela quer colo, ou quer um pouco mais de atenção. Como alternativas as facilitadoras falaram sobre a disponibilidade das mães. Em

determinados momentos os pais devem estar disponíveis para dar atenção e carinho aos seus filhos, e muitas vezes a birra é uma forma de demonstrar desagrado e falta de atenção dos pais. “Algumas vezes temos que estar dispostos a perder algumas laranjas da sacola”, pois a criança quer se sentir útil, quer ajudar, participar das tarefas da família.

Outra alternativa que pode ser utilizada, lembram as facilitadoras, é evitar que algumas coisas aconteçam antecipando as situações. Se a criança vai querer colo na ida para a casa, e a mãe está cheia de sacolas, estas poderiam brincar um pouco com a criança na creche, dar um colo, uma atenção, antecipando que durante o caminho isto não será possível.

As participantes foram trazendo outros exemplos e falando a forma como elas os resolvem. Cristina falou da importância do respeito ao estágio de desenvolvimento da criança, e disse que tenta, com sua filha, “ter autoridade sem ser autoritária”. Ana disse que tenta colocar limites, fazer trocas e dialogar. Maria colocou que os filhos estão em primeiro lugar e por isso, muitas vezes ela não consegue colocar limites neles.

As facilitadoras colocaram para o grupo do excesso da utilização das palavras “sempre”, “nunca”, “por que”, “se”, pois estas palavras de ameaça impedem o diálogo e com isto o bom relacionamento.

Em seguida passamos para a apresentação das historinhas de “desobediência”. Maria fala da história dos filhos que, ao final da brincadeira, não querem guardar seus brinquedos. Ela explica que na sua casa eles têm o espaço deles para brincar e eles são responsáveis por este espaço, inclusive pela organização do mesmo.

Cristina fala da historinha da criança que esta brincando na rua e a mãe chama para tomar banho que já está tarde, e a filha diz que agora não. Ela explicou que dá mais um tempo para a filha brincar e em seguida elas combinam que em alguns minutos ela tomará



banho. As participantes ficaram trocando idéias umas com as outras sobre as formas que elas lidam com estas situações.

Depois as participantes falaram das historinhas de “ciúmes”. Ana falou da história da hora de dormir, quando o filho quer dormir com os pais. Ela disse que acaba cedendo e deixa-a dormir com o casal. Maria conta o seu exemplo sobre a situação. Cristina também conta sobre suas alternativas. Elas conversaram bastante sobre este assunto do filho dormir com o casal, pois é uma questão comum as três participantes. As facilitadoras foram discutindo com elas os pontos positivos e os pontos negativos, tanto para o casal como para a criança, de estar dormindo com os pais.

Maria conta sua historinha, que é a da mãe brincando com um filho e o outro sente ciúme. Ela conta que isto realmente acontece com ela, e ela tenta trazer o filho para junto da sua brincadeira, porém ele não vem. Então ela vai até a criança atende um pouco da necessidade dele e depois o leva para brincar com o irmão e com ela.

As facilitadoras fizeram o fechamento em cima do tema, lembrando as questões do diálogo, do reconhecimento das necessidades das crianças, da disponibilidade dos pais e da importância do diálogo do casal para o bom relacionamento familiar.

### 3.4.3 A avaliação

Seguindo a metodologia, após o encontro, nos reunimos para a avaliação da equipe. Neste encontro, as facilitadoras pouco interviram, uma vez que as participantes conseguiram falar sobre as situações vivenciadas com seus filhos e deram vários exemplos. O alcance de um dos objetivos do projeto pode ser visualizado neste encontro, que é o reconhecimento da rede de apoio (famílias), e a procura por soluções/alternativas para seus “problemas” nesta rede. Durante este encontro, elas buscaram, umas nas outras, novas

formas de lidarem com seus filhos, confirmando o que Zimmerman (1997) colocava, que no grupo, os indivíduos aprendem com as experiências nas inter-relações com os outros indivíduos.

Os temas abordados no encontro foram sobre a divisão de tarefas, negligência, o “bater”, educação dos pais, separação dos filhos, etc. Não houve tempo para fazer o relaxamento e o mesmo foi deixado para o próximo encontro (também como “carta na manga”).

Algumas considerações feitas na avaliação foram em relação à técnica que foi muito boa, pois possibilitou a maior participação do grupo, sendo que as facilitadoras somente complementavam; a maior interação da equipe com o grupo; entre outras.

Novamente tivemos um *feedback* positivo do grupo, quando uma das participantes colocou que o grupo tem “superado as expectativas”, pois ela pensou que iria ouvir mais, porém neste, ela “pode falar mais, ser ouvida”.

Outro aspecto analisado na avaliação foi em relação ao tema do próximo encontro, definimos ser melhor continuar na educação dos filhos, visto que algumas participantes não estavam presentes, e ainda, por ter ficado muito assunto sem ser discutido com o grupo, pois elas trouxeram muitas dúvidas.

### **3.5 O quinto encontro**

#### *3.5.1 A preparação*

Para o quinto encontro, também chamado de “Educação dos filhos” (Anexo 6), a equipe pensou em trabalhar com a técnica de montagem de histórias. Como no último encontro nós levamos as histórias e elas completaram, neste, elas é que fazem suas histórias, segundo suas próprias dúvidas. Preparamos o material teórico sobre limites,

ciúmes, birra e pai na educação (temas levantados nos outros encontros), e utilizamos ainda alguns pontos do folder denominado “Temperatura das Relações Familiares”<sup>2</sup>.

Dividimos as tarefas do encontro em: Facilitadoras – Greicy (estagiária de Serviço Social) e Karla (Assistente Social); Observadora – Wanda (Psicóloga); e Pablini (estudante de Enfermagem) – auxiliar (filmagem). Cristiane não estava presente por motivos pessoais (atestado médico).

### 3.5.2 O encontro

O encontro se realizou no dia 14 de agosto, com a presença de 3 (três) participantes, e tinha por objetivos, refletir sobre as alternativas de comunicação e sobre a postura de educação dos pais para com seus filhos. Antes de iniciar as atividades, Pablini (acadêmica de Enfermagem, bolsista do projeto), explicou para o grupo que está saindo da equipe por motivos pessoais e por isto não participaria mais dos encontros.

Após a explicação da atividade, elas elaboraram e apresentaram, cada uma, a sua história. As facilitadoras foram mediando as discussões/reflexões.

Silvia começou apresentando sua história, que ela denominou de “O dilema da comida”, em que ela demonstra a dificuldade que tem com seu filho para fazê-lo comer.

Ana colocou na sua história “Brincando e sorrindo” sua filha brincando com o pai e a alegria da sua filha ao brincar.

Maria denominou a história de “A hora de acordar”, quando ela tem mais trabalho, pois seu companheiro não ajuda, não tem paciência “daí ele bate, e eu não gosto de bater nos meus filhos”.

---

<sup>2</sup> O folder “Temperatura das Relações Familiares” foi confeccionado pela equipe do LEIFAMS para ser distribuído em um Seminário Nacional da Violência contra Crianças e Adolescentes, no final do ano de 2001. A entrega do folder foi feita em um ato público de encerramento, realizado na Praça da Alfândega, onde vários grupos e instituições que atuam na área de família e violência faziam-se presentes.

Em seguida as facilitadoras foram pontuando alguns aspectos de cada história das participantes. A questão de dar escolha para o filho optar pelo o que ele prefere comer, combinar com o companheiro a questão do não bater nas crianças, do tempo de cada um para dormir, entre outros. Além disto, as facilitadoras também colocaram que as crianças aprendem muito mais através do que elas vêem, do que através do que elas ouvem. E que este aspecto deve ser bastante observado pelos pais, para que cuidem com suas atitudes e ações diante dos filhos.

As participantes foram trazendo suas histórias e as diferenças entre a relação dos pais com os filhos. As facilitadoras foram pontuando sobre a importância do papel masculino/pai para a educação dos filhos.

O encontro seguiu com as participantes dando sugestões sobre alternativas diferentes para cada história trazida. Falando um pouco sobre os limites, as facilitadoras foram colocando algumas questões importantes na hora de colocá-los. Que eles não devem ser rígidos ao longo do tempo, porém não podem ser quebrados, o limite como proteção e como condição para o melhor desenvolvimento das crianças, entre outros

Maria colocou durante o encontro, da importância que este grupo está tendo na vida dela, pois através das colocações das outras participantes ou na das facilitadoras, estão aparecendo outras formas para facilitar o relacionamento familiar. Ele coloca ainda a questão da história da Ana, que ainda tem muitos problemas com o companheiro, e diz que através do grupo, ela aprendeu que o casamento se faz diariamente, “que o casamento é um contrato e que tem que estar sempre sentando” para revê-lo. A partir de então, ela tem sentado e conversado com ele sobre as coisas que ela não gostava (“ele xingava”), e com a questão da auto-estima. Hoje eles tentam se respeitar e estão conversando sempre sobre estas questões “que trabalhamos aqui no grupo”.

As facilitadoras elogiaram o passo dado por Maria e encorajou as outras participantes a tentarem conversar com seus companheiros, pois a educação dos filhos não é tarefa só da mãe, ambos têm responsabilidade sobre os filhos. Maria lembrou também sobre o lazer em família, que muitas vezes o pai não está muito disposto, porém ela insiste, pois os filhos sentem necessidade de brincar com o pai. Silvia colocou que seu filho também sente muita falta do pai e muito de suas “birras” são por esta ausência.

Em seguida fomos para o cafezinho e após, as participantes preencheram a ficha de avaliação.

### 3.5.3 A avaliação

Terminando o encontro, nos reunimos para fazer a avaliação da equipe. Desta avaliação, é válido salientar o seguinte: a técnica foi bem produtiva, as participantes trouxeram suas histórias e dúvidas, e novamente tivemos o retorno de uma participante elogiando o trabalho da equipe.

No quinto encontro, como no anterior, algumas participantes reconheceram o grupo como rede de apoio, quando ficou “analisando” (palavra utilizada por elas) a sua situação a partir do exemplo, da história trazida pela outra participante.

Os temas discutidos giraram em torno da divisão de tarefas, as questões de gênero (o que faz o homem e a mulher na educação dos filhos), a inclusão dos pais na educação e limites.

A equipe definiu que, no próximo encontro deverá tratar da relação do casal, que é o tema que o grupo está demandando. Novamente não houve tempo para realização da atividade de relaxamento.

### 3.6 O sexto encontro

#### 3.6.1 A preparação

Para o sexto encontro, denominado “O Casal” onde trabalhamos a questão do relacionamento conjugal, a equipe escolheu a técnica denominada “Ajudando-se mutuamente”. Neste encontro, deixamos um tempo maior para que fosse possível a realização do relaxamento, conforme a programação (Anexo 7). Na semana do encontro, uma das participantes que havia faltado nos últimos encontros, telefonou para a equipe dizendo que havia voltado de viagem, e gostaria de saber se poderia participar do próximo encontro. A equipe disse que sim, e estimulou sua participação.

As tarefas foram divididas em: Cristiane (Assistente Social) e Wanda (Psicóloga) foram facilitadoras e Greicy (estagiária do Serviço Social) filmou o encontro. Karla não pode comparecer por motivos de saúde.

#### 3.6.2 O encontro

O encontro se realizou no dia 28 de agosto e estiveram presentes 3 (três) participantes (incluindo a que telefonou pedindo para participar). O objetivo do encontro era discutir a distribuição de tarefas/responsabilidades na família/casal, e levá-las a repensar o sentido da relação/casamento. A técnica consistia em amarrar os braços de duas participantes em um cabo de vassoura, de forma a não conseguirem fechar os mesmos. As duas teriam um bombom cada uma, para abrir e comer. Assim, cada uma teria o direito a um presente/bombom e eles deveriam comê-lo com os braços amarrados. Fabiana e Sílvia foram amarradas e Cristina ficou observando como elas faziam, sendo que não poderia dar sua opinião.

Rapidamente Silvia perguntou se elas poderiam fazer juntas, ajudar uma a outra e as facilitadoras falaram que elas deveriam comer o bombom, seja lá como fosse. Silvia sem falar nada, pegou o bombom deu para Fabiana abrir e colocou o mesmo na boca de Fabiana, que ficou sem entender direito, porém repetiu a mesma atitude de Silvia.

Em seguida as facilitadoras abriram para a discussão, quando então, Cristina começaria falando o que ela observou. Silvia iniciou falando que foi desconfortável no início, mas quando ela percebeu o que tinha que fazer, que elas se ajudariam, “ficou mais fácil”. Fabiana colocou que achava que cada uma teria que fazer sozinha, por isso não entendeu muito bem a atitude da Silvia, porém achou boa a idéia de ajudar uma a outra. Cristina falou então que Silvia pensou bem rápido. No início Cristina teve vontade de dar sua opinião para ajudar as outras participantes a resolverem o problema.

Silvia disse que se sentiu bem podendo ajudar a outra e sendo ajudada.

As facilitadoras foram colocando para as participantes a questão dos objetivos comuns, da solidariedade, da troca, de dar de comer ao outro, etc. Silvia falou um pouco em relação à família, que quando tem algum problema, é mais fácil resolvê-lo com a ajuda do outro, porque muitas vezes “a gente não consegue pensar em nenhuma solução, o outro pode ter alguma idéia”.

Outro aspecto levantado pelas facilitadoras foi em relação a elas não terem conversado sobre de que forma fariam a atividade, que muitas vezes isto acontece nas relações familiares, pois cada um tem um tempo diferente. Cristina lembra que elas poderiam ter conversado, pois isso acontece muito na vida do casal, e é necessário o diálogo para que eles não tenham mais desentendimentos. Silvia diz que ele iniciou a ação sem conversar porque viu que Fabiana estava indecisa. As facilitadoras perguntaram sobre se as duas tivessem tido idéias diferentes. Silvia colocou que teria conversado para

chegarem a um acordo, mas muitas vezes não é isto que acontece na família, pois alguém tenta impor sua idéia, sem respeitar a do outro.

As participantes discutiram que naquela relação da dinâmica, elas tiveram ação, e poucas palavras. Cristina falou que “muitas vezes é melhor a ação do que as palavras”.

Fabiana falou sobre sua dificuldade em conversar com seu companheiro, pois ele tem envolvimento com drogas, e ela não aceita isto. Ela comentou ainda sobre a família do seu companheiro e disse que é “meio problemática mesmo”.

Então as facilitadoras perguntaram se a família havia procurado algum tipo de ajuda. Ela disse que não, que tem tentado resolver os problemas sozinha. As facilitadoras colocaram que ela tenta sozinha da mesma forma como aconteceu na dinâmica e seguiram a reflexão sobre este tema.

As facilitadoras perguntaram sobre os motivos que as levaram a casar e escolher estes como seus parceiros. As participantes foram respondendo e surgiram questões de gravidez, de compaixão e de amor. Cristina disse que seu marido vai além de suas expectativas.

Silvia falou que algumas vezes seu companheiro fala “isso é meu”, e ela diz: “como é seu? É nosso, nós estamos juntos”. Ela completa dizendo que depois da união as coisas passam a ser de ambos, eles passam a fazer e ter as coisas juntos. Ela falou também da dificuldade que teve quando seu filho nasceu, de saber separar o papel de ser mãe e ser esposa, de cuidar do filho e cuidar da relação.

As facilitadoras colocaram que diariamente temos a possibilidade de modificar nossas vidas e depende de nós iniciarmos as mudanças das coisas que atrapalham o relacionamento do casal e da família. E que além disto, temos que cuidar de nós mesmas, não só do filho ou do marido. Nós devemos reservar um tempo para nós, para cuidar da nossa imagem, da nossa auto-estima.



Após o cafezinho realizamos o relaxamento com a leitura do texto que se encontra na programação do encontro (Anexo 7) e enquanto isto havia uma música de fundo, com sons da natureza.

Ao final do relaxamento, Silvia colocou ao grupo que “isso deveria ter todo dia [...] parar o que está fazendo para desestressar”. As facilitadoras falaram que isto faz parte daquilo que elas colocaram como cuidar de si mesma, dar um tempo para fazer o que elas gostam, relaxar. Ao final as participantes preencheram a ficha de avaliação.

### 3.6.3 A avaliação

Na avaliação da equipe, alguns pontos merecem destaque: à volta da participante que havia se ausentado pela sua viagem; o relaxamento trouxe as participantes um momento prazeroso; a técnica proporcionou uma boa discussão do tema proposto (relacionamento do casal); as participantes reconheceram-se, novamente, como rede de apoio umas das outras, entre outros.

As pessoas estavam bem participativas e os temas discutidos durante o encontro foram: Família de origem; Drogadição; Divisão de tarefas; Violência doméstica contra mulher e criança; Amor; entre outros. Durante este encontro, mais duas participantes nos deram um *feedback* positivo, dizendo que “as coisas em casa estão começando a mudar”, que algumas vezes elas pensam e procuram “lembrar do que aconteceu no grupo”, e isto tem feito com que elas repensem suas atitudes em relação à família.

### 3.7 O sétimo encontro

#### 3.7.1 A preparação

O sétimo e último encontro, foi programado para que, tanto a equipe como os participantes pudessem estar avaliando o processo grupal (Anexo 8).

O objetivo deste encontro, era de avaliar a metodologia, as técnicas utilizadas, e o desenvolvimento grupal durante o trabalho realizado. Para tanto, a equipe optou por estar levando para o grupo, algumas cenas dos encontros anteriores, que demonstravam o crescimento do grupo e individual de cada participante. Então selecionamos as cenas mais significativas e editamos em outra fita que seria apresentada ao grupo.

Neste encontro, Karla (Assistente Social) e Greicy (estagiária do Serviço Social) foram facilitadoras e Cristiane (Assistente Social) e Wanda (Psicóloga) auxiliaram o trabalho.

#### 3.7.2 O encontro

Denominado de “A Avaliação”, o encontro se realizou no dia 11 de setembro e estiveram presentes 4 (quatro) participantes. Iniciamos o encontro com a apresentação da fita que foi editada com os momentos dos encontros anteriores. As participantes gostaram e riram ao se ver diante do grupo. Silvia disse que “achou alguns defeitos” se vendo na fita. Maria trouxe que teve um choque, pela questão da obesidade, mas que gostou porque foi “um espelho”. Além disso, deu pra perceber também a interação no grupo, “deu de ver uma trocando com a outra”.

Em cima dessas colocações as facilitadoras falaram que é positivo o fato de elas se verem, mais do que os outros aspectos do grupo. Isto demonstra o crescimento do grupo em relação a auto-estima.

Maria disse que foi bom, pois ela pode ver a questão da auto-estima, de que ela não está sozinha, que as outras participantes estão no “mesmo barco”, e que podem contar umas com as outras.

Em seguida, a equipe pontuou os aspectos que percebemos quanto ao crescimento do grupo e ainda, quanto ao que nós, enquanto equipe, aprendemos com o grupo e com elas. Alguns pontos levantados foram o envolvimento e a disponibilidade delas em participar; o respeito em relação aos limites dos outros e as regras estabelecidas dentro do grupo, que é o mesmo que acontece ou deveria acontecer na família.

Um aspecto importante a ressaltar é em relação às potencialidades delas, enquanto família, de estarem resolvendo seus conflitos e problemas. Durante o grupo elas já demonstraram que sabem os passos a seguir, que tem possíveis respostas e soluções para os problemas, porém, elas não acreditam nisso e buscam experiências novas, respostas em outras pessoas. Falaram da importância de estar buscando a rede, as pessoas que elas confiam para estarem estabelecendo um vínculo, uma amizade, para que possam estar se ajudando quando for necessário.

Em relação ao que a equipe aprendeu com o grupo, as facilitadoras colocaram a questão da solidariedade, da empatia (se colocar no lugar do outro), a valorização do espaço por parte delas, entre outros. Maria contou de sua experiência na semana passada, quando ela e seu companheiro tomaram a decisão, depois de muita conversa, de tirar o bico do filho. Ela conta que foi difícil, mas que ambos conseguiram dar este limite ao filho. “Apesar do choro, nós resistimos, e conseguimos. Faz uma semana que ele está sem bico, e não está sofrendo mais com isso”.

Cristina levanta que foi muito bom o grupo, mas que seria bom “se os homens estivessem junto, ouvindo essas coisas, mesmo porque as falas e as idéias são diferentes”.

Fabiana também colocou que “já melhorou uns 30%, mas que ainda falta muito”. Silvia também falou que através do grupo conseguiu “perceber” os motivos da “birra” do filho.

Durante o encontro todos os membros da equipe falaram e deram sua opinião a respeito do crescimento do grupo e já fazendo uma avaliação dos encontros juntamente com as participantes.

Após o cafezinho, onde servimos um bolo em comemoração ao grupo e ao trabalho realizado, seguimos com a avaliação.

Neste encontro as participantes não preencheram a ficha de avaliação, pois a mesma foi feita oralmente. Elas trouxeram vários aspectos, positivos e negativos, em que pudemos avaliar nossa metodologia. Em relação aos pontos positivos elas falaram:

- ✓ Do espaço que possibilitou que elas falassem mais, que pudessem ser ouvidas;
- ✓ O fato de ter mais profissionais e de diferentes áreas resultou em “respostas mais imediatas”;
- ✓ O número de pessoas no grupo, que favoreceu a participação, em que todas puderam falar;
- ✓ As técnicas, que eram sempre criativas e que faziam elas se mexerem mais e entrar mais profundamente nos temas;
- ✓ Elas poderem se conhecer melhor, enquanto moradoras da mesma comunidade e mães da creche, entre outros.

Sobre os pontos negativos, elas colocaram:

- ✓ O horário que impediu a participação de outras pessoas;
- ✓ A falta constante de alguns participantes do grupo;

✓ A saída de um membro da equipe, entre outros.

As participantes ao final disseram que agora é que o grupo estava ficando bom, e que infelizmente teríamos que acabar. A equipe explicou os motivos e lembrou que elas podem continuar se reunindo sem a equipe, pelo menos para conversarem, trocarem idéias, reforçando assim a rede de apoio de cada família.

### 3.7.3 A avaliação

Ao final, a equipe se reuniu para fazer sua avaliação. Alguns pontos importantes a serem colocados são: o retorno/avaliação das participantes quanto à importância do grupo e da contribuição para a vida na família e a criticidade quanto aos aspectos que realmente dificultaram o trabalho; a equipe concordou com as participantes em relação ao tempo, que foi pouco e que agora seria o momento para trabalhar novas questões, ou as mesmas mais aprofundadas, porém isto não seria possível devido aos outros compromissos assumidos pela equipe diante de outros projetos.

Os temas discutidos neste último encontro ficaram mais em relação à rede de apoio social, a partir do depoimento das participantes que disseram que agora vão olhar “diferente” umas para as outras, pois viram que estão todas no mesmo “barco” (técnica aplicada pela equipe); auto-estima, que o grupo proporcionou à elas um momento de repensar sua família, seu casamento, sua vida num todo; limites, quando elas colocam que aprenderam a impor limites, não somente em relação aos filhos, mas também na questão da divisão de tarefas na família; entre outros.

#### 4 AVALIAÇÃO

Relacionando o desenvolvimento deste processo, com as falas das participantes e os objetivos anteriormente propostos, pudemos perceber, conforme colocado várias vezes neste item, que as famílias passaram a se reconhecer enquanto rede de apoio umas das outras. Em vários momentos no grupo, as participantes davam sugestões e alternativas umas as outras e estas reconheciam e consideravam a ajuda da colega, demonstrando assim o crescimento dos indivíduos no grupo ressaltado por Zimerman (1997).

Através das oficinas, buscamos nos questionamentos, levá-las a refletir sobre as alternativas e soluções para o enfrentamento das crises e conflitos familiares. Este aspecto pôde ser observado através da fala de algumas participantes quando colocavam que, após entrarem no grupo, as relações na família haviam modificado, pois elas estavam “recontratando” com seus companheiros algumas questões. Este ponto também contribuiu para despertar a consciência pela garantia dos direitos das participantes, que no “recontrato” com a família, dividiram melhor as responsabilidades para não sobrecarregar apenas um membro.

O outro objetivo, que diz respeito ao processo de educação e desenvolvimento dos membros da família, a equipe, em todos os encontros, procurou buscar, junto a elas, as formas para o desenvolvimento dos mesmos, valorizando as potencialidades das suas famílias e a comunicação entre seus membros.

Quanto ao objetivo geral da intervenção, que é a promoção do sistema familiar, no que se refere ao desenvolvimento das suas funções (que já foram vistas neste trabalho), e ao relacionamento dos seus membros, podemos dizer que demos um passo bem grande em direção a melhoria da qualidade de vida das participantes, porém, reconhecemos que este é apenas o início de uma longa jornada, que só poderá ser avaliada ao longo dos anos.

## 5 UMA ANÁLISE SOBRE A ASSISTÊNCIA INTERDISCIPLINAR ÀS FAMÍLIAS

A partir da experiência concreta de uma metodologia construída interdisciplinarmente para o atendimento de famílias, podemos levantar algumas questões preliminares para a análise de tal processo.

Primeiramente, ao falar sobre as famílias que participaram do trabalho realizado, que estão vivenciando o estágio do ciclo vital denominado “família com filhos pequenos” (CARTER e McGOLDRICK, 1995), podemos destacar várias questões cotidianas trabalhadas relacionadas às crises desenvolvimentais, como: a dificuldade em manter relações sexuais com seus companheiros; os conflitos na educação dos filhos; a falta de espaço para a criança no relacionamento familiar; entre outros.

Além destas, há ainda os conflitos relacionados ao meio externo, às crises situacionais pelas quais a família está passando: desemprego ou subemprego; drogadição; habitação precária; gravidez indesejada; entre outras situações causadoras de estresse.

Durante os encontros, as famílias traziam suas angústias e aflições relacionadas às situações que estavam vivenciando. A equipe buscava, a cada intervenção uma forma de auxiliar a família no desenrolar de seu conflito, procurando sempre alternativas junto às outras participantes, movimentando assim uma rede de apoio no grupo. Assim, a equipe conseguia trabalhar as situações cotidianas das famílias, além, é claro, das situações limites trazidas.

Dentro desta perspectiva, insere-se um aspecto positivo do trabalho realizado. Como colocamos anteriormente, a maioria dos serviços e profissionais que atendem famílias, têm trabalhado as questões mais emergenciais e preocupam-se menos com a prevenção destas. Na proposta do trabalho realizado, o maior interesse da equipe estava na

prevenção de algumas destas situações limites, o que nos levou a procurar os meios necessários para este tipo de intervenção. Através do grupo, orientávamos as famílias na educação dos filhos, na distribuição de tarefas entre os membros, procurando diminuir possíveis conflitos e crises advindos desta demanda.

Ainda em relação à família, como já falamos neste trabalho, muitas vezes as ações profissionais são fragmentadas, pontuais, em que a intervenção prevê a solução de um problema aparente, sem que se observe a causa do mesmo. Mito (1997) e Takashima (2002) falam que muitas vezes as ações estão voltadas para o indivíduo-problema, uma vez que os profissionais atuam sobre determinado membro sem percebê-lo como parte de um todo que é a família.

A proposta estabelecida pela equipe fundava-se na realização de encontros com grupos de famílias, onde cada participante traria sua família, ou parte dela, para que pudessemos trabalhar o núcleo familiar e suas relações. Porém, com o início das atividades, começamos a perceber que haviam algumas dificuldades para a participação de outros membros da família. Algumas razões trazidas pelas participantes do grupo estavam relacionadas à questão do trabalho e do horário dos encontros, o que impedia a participação de seus companheiros ou de outros membros.

Frente a este desafio, a equipe buscou, a cada encontro, técnicas e vivências que pudessem estar trazendo para o grupo os vários membros da família por meio de uma presença simbólica, em que, cada participante, trazia em seus relatos, a forma como viviam em seu cotidiano.

Como podemos perceber ao longo deste trabalho, alguns profissionais apesar de trabalharem com o grupo familiar, fragmentam suas ações nos indivíduos, utilizando a família somente como um meio para a resolução dos conflitos/crises. A equipe do LEIFAMS considerou estar trabalhando o sistema familiar como um todo, uma vez que as



intervenções voltavam-se para o grupo familiar e não apenas na demanda do indivíduo participante, contudo, algumas vezes a equipe se questionava quanto a este aspecto. Neste sentido, as avaliações contribuíram bastante, demonstrando à equipe seus limites e as formas de ultrapassá-los.

Desta forma, apesar de trabalhar com o indivíduo, a equipe preocupava-se com o vivido no cotidiano familiar. Como resultados da aplicação desta forma de intervenção, podemos lembrar das participantes que correntemente falavam sobre as mudanças ocorridas no ambiente familiar devido às conversas realizadas com seus companheiros sobre os temas trabalhados no grupo. Outro ponto levantado pelas participantes foi a melhora no relacionamento com os filhos, o maior envolvimento e participação do pai na educação dos mesmos, e como consequência a imposição de limites que até então elas não conseguiam colocar.

Em relação à metodologia adotada, o trabalho em grupo com caráter reflexivo e de crescimento, proporcionou a troca de experiências entre as participantes possibilitando o aprendizado através das inter-relações grupais (ZIMERMAN, 1997). Trabalhar em grupo com as famílias permitiu a comparação do espaço grupal com o ambiente familiar, uma vez que existiam pessoas com idéias e papéis diferentes convivendo num mesmo espaço. Foram estabelecidas regras no grupo para que a convivência dos participantes pudesse acontecer num ambiente democrático, respeitando a vez de cada um falar, a opinião de cada participante, o desejo de cada uma em participar ou não das discussões, entre outros, e a equipe relacionava estas regras (implícitas ou explícitas) com os padrões de convivência estabelecidos pela família.

A atividade em grupo proporcionou ainda, uma galeria de espelhos (ZIMERMAN, 1997) às participantes, onde as mesmas puderam se reconhecer enquanto pertencentes de outros grupos, como mães da creche e moradoras da mesma comunidade, bem como se

sentir entre iguais, com os mesmos problemas e as mesmas angústias. Isto permitiu uma aproximação maior entre elas, fazendo com que se reconheçam enquanto redes de apoio uma das outras, o que possibilita a criação de uma rede de solidariedade entre as participantes (CARVALHO, 2000; MELLO, 2000).

O método da oficina facilitou as participantes de entrarem em contato com o tema de forma diferente. Um ponto ressaltado por uma delas durante um encontro nos mostra que a oficina possibilitou que elas falassem mais, e ouvissem menos dos profissionais. Esta afirmação nos leva a constatar que a família foi co-participe deste processo, não só pelo aprendizado através das experiências e vivências das outras, mas desde o início do trabalho, na escolha dos temas; na assinatura do contrato, responsabilizando-se pela sua participação; participando das atividades propostas; trazendo contribuições para as discussões; avaliando cada encontro (desde as técnicas utilizadas e a atuação da equipe, até a sua participação no encontro); entre outros. Além disto, apesar das faltas de algumas participantes durante os encontros, devido a problemas pessoais, somente uma família desistiu de participar da atividade de grupo.

A co-participação das famílias no processo descrito nos faz acreditar que ultrapassamos, até certo ponto, as ações normatizadoras e limitadas da cultura assistencialista presente nas políticas sociais oferecidas pelo Estado. Estas políticas visam a estabilidade social através do controle, para que as famílias cumpram o seu papel na sociedade (MIOTO, 2000; TAKASHIMA, 2002). Durante o trabalho realizado, a equipe buscou articular ações para a emancipação das famílias, bem como dar suporte nos momentos de crise.

Através das avaliações realizadas por escrito, e das falas das participantes, podemos observar que as famílias incorporaram vários conhecimentos e práticas discutidas durante os encontros em seu cotidiano, de forma a melhorar a qualidade de vida de seus membros.

Quanto à questão da interdisciplinaridade, podemos refletir tanto sobre os aspectos relacionados à construção de um conhecimento sobre família, como na assistência às mesmas. Para darmos início ao trabalho, como colocamos nos capítulos anteriores, foi necessário a construção de pressupostos que fossem comuns e complementares de cada disciplina envolvida com o projeto, e que dessem conta de pensar a família em suas múltiplas e inter-relacionadas facetas. Esta construção permitiu um valioso aprendizado no que diz respeito ao compartilhamento de saberes entre as profissões, horizontalizando as possíveis relações de poder existentes entre as áreas envolvidas.

No que diz respeito à assistência às famílias, podemos pensar desde a preparação do encontro, até as intervenções e sua avaliação. Cada encontro foi programado sobre uma perspectiva interdisciplinar, visto que a equipe se reunia e debatía sobre o tema antes da realização dos mesmos, com a finalidade de construir um “novo” conhecimento. Cada profissional levantava os aspectos relacionados à sua área, que deveriam ser trabalhados durante o encontro. Com base nestas discussões a equipe realizava os encontros, sendo que as facilitadoras faziam as intervenções, buscando com os outros membros da equipe, sempre que necessário, algum conhecimento mais específico, quando solicitado pela família.

Da mesma forma, a avaliação destes encontros privilegiava vários aspectos relacionados ao processo grupal, aos temas, as técnicas, e às intervenções das facilitadoras. Este é outro ponto a ser destacado, pois possibilitou que a cada encontro a equipe pudesse avaliar o envolvimento das famílias, a atuação profissional e os limites na condução dos encontros, proporcionando uma melhora no atendimento as mesmas.

Durante todo este processo a equipe trabalhou junta, diariamente, estudando os temas dos encontros, discutindo e escolhendo as formas de abordá-lo, adaptando as técnicas para serem utilizadas, e ainda avaliando a participação das famílias e os encontros

já realizados. Esta construção exigiu dos profissionais uma busca permanente dos conhecimentos de cada área específica e da apropriação destes pelas outras áreas, a fim de consolidar a fecundação de um “novo” conhecimento, contribuindo assim para o aperfeiçoamento da capacitação técnica dos mesmos. Além disto, exigiu ainda um maior planejamento de cada atividade e uma discussão preliminar entre as facilitadoras, para que as mesmas estivessem em “sintonia” durante os encontros, contribuindo assim para o seu êxito.

Outro aspecto positivo da intervenção interdisciplinar e que foi destacado pelas participantes, está no fato de que muitas das dúvidas das famílias podiam ser sanadas durante o próprio grupo, pois existiam profissionais de diferentes áreas envolvidas, diminuindo o número de encaminhamentos a outras instituições e profissionais, ganhando assim a família em tempo e agilização do processo.

Por estes motivos, consideramos que a prática interdisciplinar realizada neste projeto possibilitou trabalhar as possibilidades das famílias envolvidas, com o propósito de *fortalecer o desenvolvimento da vida familiar e facilitar o desempenho da função social da família*, contribuindo assim para a sua emancipação. Não podemos esquecer ainda do seu significado para os membros da equipe, que tiveram seu olhar ampliado para algumas questões referentes à família, bem como para a instituição em que foi desenvolvido o referido projeto, que há tempos defende a interdisciplinaridade como uma forma de trabalhar a mesma em sua totalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família, em sua formação, organização, e relações, mostra-se complexa e historicamente construída a partir das condições dadas pela sociedade da qual fazem parte. Toda esta complexidade que envolve o tema tem levado vários pesquisadores a apontar a interdisciplinaridade como uma alternativa para melhor entendê-la e, por conseguinte melhor atendê-la.

Contudo, ainda há poucos estudos sobre a forma como os profissionais devem criar e conduzir esta prática interdisciplinar. Este trabalho que ora apresentamos teve como intuito, descrever a construção de um projeto interdisciplinar de atenção à família. Várias barreiras tiveram que ser ultrapassadas, como por exemplo, a resistência dos profissionais à troca de saberes entre as áreas envolvidas; a burocratização de algumas instituições que impediram que o projeto iniciasse no tempo previsto; a falta de recursos financeiros para o andamento do projeto, entre outras.

O trabalho em grupo, como colocamos no segundo capítulo, vem sendo cada vez mais utilizado pelos profissionais de diferentes áreas por apresentar maiores resultados positivos. Porém, a forma como ele foi empregado aqui, difere de qualquer proposta conhecida, uma vez que articula três áreas independentes, o Serviço Social, a Enfermagem e a Psicologia. O projeto articulou ainda, as áreas da assistência e de pesquisa, o que proporcionou o desenvolvimento de uma prática investigativa durante o estágio.

Nessa perspectiva, consideramos que a prática realizada no estágio foi extremamente rica, pois além de conhecer e atuar na prática do Serviço Social pudemos trabalhar em equipe e de forma interdisciplinar, que é um novo campo de trabalho para a profissão.

Porém o trabalho demonstra os limites para se trabalhar com famílias, uma vez que somente um membro da mesma participou. Apesar da linha tênue que separava o grupo de famílias com um possível grupo de mulheres, a equipe buscou seguir seu objetivo, trabalhando numa perspectiva de família e esforçando-se para trazer atividades que pudessem levar as participantes a discutir as questões relacionadas à família e não somente ligadas a sua condição de mulher.

O curso de Serviço Social tem formação interdisciplinar, uma vez que articula diferentes conhecimentos e disciplinas durante a graduação. Além disto, após o movimento de reconceituação, os profissionais passaram a ter uma visão mais crítica e transformadora da sociedade, o que proporcionou uma leitura mais global e conjuntural da realidade. Com base neste olhar, diferenciado das outras áreas envolvidas no projeto, as Assistentes Sociais levavam os outros membros da equipe a refletir sobre o contexto no qual estavam inseridas as famílias, de forma a subsidiar as ações e intervenções que se davam no grupo. A disciplina também ganhou destaque nos momentos em que o grupo discutiu as questões de *direitos, responsabilidades e cidadania, e no conhecimento da rede de apoio comunitária*. Assim, percebemos que a interdisciplinaridade, ora privilegia uma área de atuação e em outros momentos outra área se sobressai, sem diminuir a importância das outras.

Para a realização desta assistência às famílias, a equipe construiu seus pressupostos sob alguns aportes teóricos, como por exemplo o do GAPEFAM e o da Terapia Familiar. Salientamos que no Serviço Social, há reservas quanto a utilização desta última, visto que sua formação ainda está muito concentrada na área da psicologia, e os Assistentes Sociais

não têm se apropriado e discutido o seu significado na prática cotidiana. Contudo, não podemos desprezar os avanços trazidos pela terapia familiar ao processo de intervenção com famílias (MIOTO, 1998).

Como última consideração deste trabalho, verificamos a necessidade do Serviço Social desenvolver e aperfeiçoar teorias e metodologias específicas de família, ou participar de construções interdisciplinares das mesmas, assim como aconteceu na Terapia Familiar. Além disto, devemos avançar na análise das políticas públicas em termos de avaliação das políticas já existentes, para subsidiar o planejamento de novas formas de atendimento á família, visto que o profissional do Serviço Social é propositor e executor destas políticas e ainda operador de direitos, visando a emancipação e o exercício da cidadania dos indivíduos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRADT, Jack O. Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In: CARTER, Betty; e MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Trad.: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª. ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 206-222.

BECKER, Maria Josefina. A ruptura dos vínculos: quando a tragédia acontece. In.: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002. p. 60-76.

BILAC, Elizabete Dória. Família: algumas inquietações. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 29-38.

BRASIL, Constituição da República Federativa do, 1988.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In.: AZEVEDO, Maria Amélia, GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-79.

CARTER, Betty; e MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Trad.: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª. ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CALDERÓN, Adolfo Ignácio; GUIMARÃES, Rosamélia Ferreira. Família: a crise de um modelo hegemônico. In.: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez Editora. Ano XV, nº 6, 1994. p. 21-33.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. A Priorização da Família na Agenda da Política Social. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 13-21.

\_\_\_\_\_. A Priorização da Família na Agenda da Política Social. In.: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002. p. 93-108.



CORREA, Mariza. A Família Patriarcal Brasileira. In.: ARANTES, Antonio Augusto (et. al.). **Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 3ª Edição, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994. p. 15-37.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. A família como questão social no Brasil. In.: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002. p. 19-25.

ELSEN, Ingrid. et all. **Laboratório de Saúde Familiar e Cidadania**: propondo modelos assistenciais e construindo um processo de trabalho interdisciplinar. 1999. Mimeo.

ELSEN, Ingrid. Cuidado Familiar: uma proposta inicial de sistematização conceitual. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sônia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da (orgs). **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá: Eduem, 2002. p. 11-24.

GENOFRE, Roberto Maurício. Família: uma leitura jurídica. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 97-104.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002.

KAYAYAN, Agop. Apresentação. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002. p.9-10.

MELLO, Sylvia Leser de. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 51-60.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres**. Trad.: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1980.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Família e Serviço Social – contribuições para o debate. In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez. Ano XVIII, nº 55, 1997. p. 114-130.

\_\_\_\_\_. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Katálysis**, Florianópolis, n.2, 1998, p. 20-25.

\_\_\_\_\_. Cuidados Sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais**. Brasília: UnB, 2000. p.216-224.

\_\_\_\_\_. Novas propostas e velhos princípios: Subsídios para a discussão da assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sócio-familiar. In: **Revista Fronteras**. Departamento de Trabajo Social. Montevideo, 2001.

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, Sílvia Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF.UNICEF, 2002. p. 26-46.

ON, Maria Lúcia Rodrigues. O Serviço Social e a Perspectiva Interdisciplinar. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (org.) **O Uno e o Múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 152-158.

PENNA, Cláudia Maria de Mattos. Uma questão conceitual. In: ELSÉN, et all. **Marcos para a Prática de Enfermagem com Famílias**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

RAMOS, Magdalena. Etapas da organização familiar. In: **Introdução à terapia familiar**. São Paulo: Ed. Ática. 1990. p. 11-23.

RIBEIRO, Maria Salete. **A questão da família na atualidade**. Florianópolis, SC: Ioesc, 1999.

RODRIGUES, Gizelly. **No cotidiano da profissão: a prática profissional dos assistentes sociais com famílias**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 73-88.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 39-50.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, M. M. R. **Serviço Social e família**: a legitimação de uma ideologia. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Cristiane da. Políticas Sociais têm se voltado para a família? **Interação**: Boletim informativo de família. Florianópolis: GAPEFAM/NECAD, 1998. p. 6-7.

SZYMANSKI, Heloisa. Teoria e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 23-28.

\_\_\_\_\_. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: **Serviço Social & Sociedade**. Ano XXIII, nº 71. Setembro de 2002. p. 9-25.

PRAZERES, Greicy Gandra Soares; JESUS, Cristiane da Silva de; ROSA, Karla Teresinha. Metodologias de atendimento à família: o fazer do assistente social. In: **Livro Resumo** Congresso Internacional Pesquisando Família. Florianópolis: Palotti, 2002. p. 294.

TAKASHIMA, Geney M. Karazawa. O desafio da política de atendimento à família: dar vida às leis – uma questão de postura. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF. UNICEF, 2002. p 77-92.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org.). Serviço Social e Interdisciplinaridade: o exemplo da saúde mental. In: **Saúde mental e serviço social**: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2000. p.35-67.

ZIMERMAN, David E. et. all. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

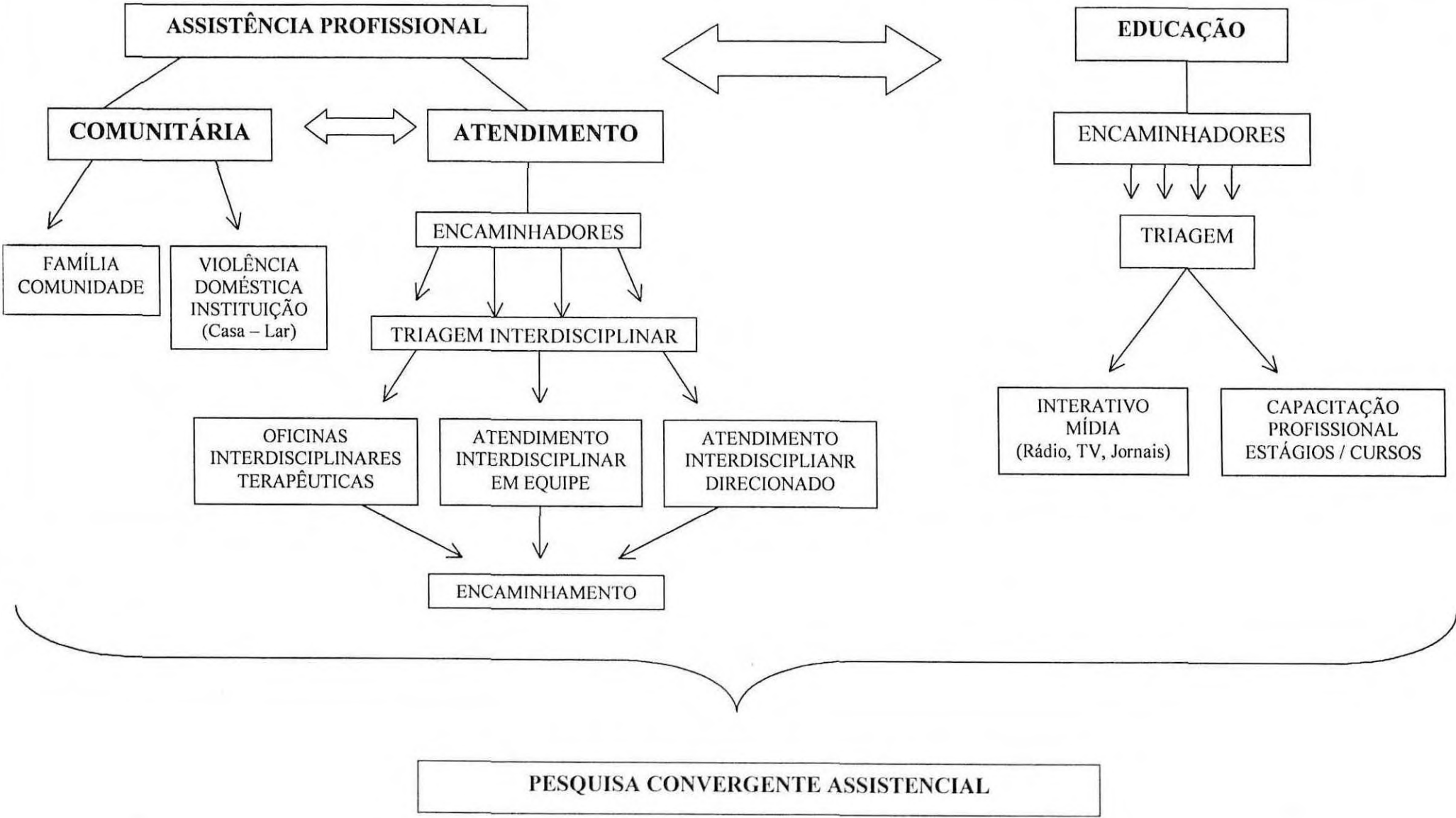
WALROND-SKINNER, Sue. **Terapia Familiar**. Tad.: Fernando Vidal. Buenos Aires: Editora Abril S/A., 1976.

?, **Oficina**. Mimeo.

**ANEXOS**

**ANEXO 1**

INTERDISCIPLINARIDADE	PROMOÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR	PROCESSO DE VIVER DA FAMÍLIA (crises maturacionais e situacionais).	VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA
-----------------------	------------------------------	---	----------------------



**ANEXO 2**

Laboratório de Estudos e Práticas Interdisciplinares em Família e Saúde



I ENCONTRO - "A ACOLHIDA"

TEMA	OBJETIVO	TÉCNICA	MATERIAL	T.	OPERACIONALIZAÇÃO
COMPROMISSO	Efetivar o contrato	Ler o contrato e tirar as dúvidas dos participantes	-contrato para cada um	20'	- o facilitador entrega a cópia do contrato para cada integrante e inicia a leitura, observando se todos estão compreendendo.
Conceito de família de cada participante – técnica das gravuras <sup>1</sup>	Identificar o conceito do grupo a respeito de família	Colocar figuras plastificadas no chão e o grupo escolhe uma representativa, buscando três palavras que definam o significado de família para cada um	-figuras plastificadas; -papel pardo -pincel atômico -fita adesiva.	5' 10' 5' — 20'	Apresentar as três gravuras que representam o significado que cada uma dá para sua família em no máximo 3 palavras.
Coffe Break	- Integração			10'	- convidar o grupo a tomar cafezinho, pensando que o significado deste momento é uma confraternização, e que todos também tem necessidade do alimento da acolhida, do afeto, do diálogo....,

<sup>1</sup> Adaptado do livro: MILITÃO, Albigenor e Rose. **S.O..S Dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 1999. p. 16-17.



Estrutura familiar: Funções, organização, conflito.	- Identificar as funções dos membros da família e o espaço de cada um; os tipos e conflitos familiares existentes.	Da dramatização: "O que faz parte do cotidiano das famílias hoje?"	2 Grupos de 4 ou 3 pessoas	20'	- Dividir o grupo em subgrupos, logo após pedir a cada um que eleja uma situação do seu cotidiano familiar e a dramatize. - Apresentação dos subgrupos.
Reflexão da dinâmica 2.  fechamento	- Discutir as situações apresentadas durante a dramatização e levantar subsídios para as próximas oficinas.	-anotar os pontos que são importantes de cada dramatização no papel pardo; - responder as questões a seguir levantadas pela equipe	-Papel pardo e caneta para as anotações	20'	-Cada subgrupo tem a tarefa de identificar o que chamou a atenção na apresentação do outro grupo e na sua apresentação. -Apontar os pontos em comum entre os subgrupos. -O que lhe chamou a atenção nos personagens. - Haviam maneiras diferentes e melhores para resolver as situações apresentadas? -levantar as semelhanças e diferenças
4. Avaliação	- saber como o grupo avaliou o encontro.	- cada participante preenche a ficha de avaliação.	- ficha de registro	5'	- pedir a cada participante que leia e preencha a ficha de avaliação, sem identificação.

**ANEXO 3**



## II ENCONTRO: "A DESCOBERTA"

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material
1- Esclarecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esclarecer dúvidas acerca da ficha avaliação a ser preenchida no final de cada encontro</li> <li>- Enfatizar o respeito ao grupo e a participação de todos</li> </ul>	O facilitador explica a necessidade de avaliarmos cada encontro, o que no encontro anterior ficou um pouco "atropelado". Dar especial <b>atenção</b> à questão do <b>tempo</b> que deve ser cumprido e, para isso, cada um deverá fazer colocações breves para que todos possam participar.	T: 15'	
2- Aquecimento "Uma viagem de navio" <sup>1</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a <b>participação</b> do grupo e atividades</li> <li>- Facilitar a <b>integração</b></li> </ul>	O facilitador desenha no chão, com a fita adesiva, o contorno de um barco. Em seguida, pede que os participantes entrem no barco, fechem os olhos e imaginem o início de uma viagem. O facilitador faz a narrativa dos fatos que ocorreram durante a viagem, e em seguida o "retorno ao porto" de onde saíram. Os participantes voltam aos seus lugares. O facilitador faz	10' narrar 15' discussão T: 25'	CD com sons de água, chuva, cantos de pássaros. Fita adesiva

<sup>1</sup> Adaptado do livro: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a ser e conviver*. São Paulo: FTD, 1999.

		questionamentos acerca do que sentiram, como reagiram à “tempestade”, quais dificuldades tiveram... Fazer uma relação com a família, com os membros que “estão no mesmo barco”, buscando uma sintonia de sentimentos, ajuda nos momentos difíceis e parceria também nos momentos alegres.		
3- “Direitos e Deveres na Família” <sup>2</sup>	- Identificar os <b>direitos e deveres</b> de cada membro da família  - Discutir os facilitadores das relações familiares	Distribuir as fichas de trabalho e canetas aos participantes, pedindo para que reflitam sobre as funções de cada membro da família, bem como seus direitos. (Dar tempo para que escrevam) Em seguida, fazer uma rodada de colocações (todas deverão falar) e anotar num quadro de papel pardo o que foi falado. Ler para o grupo o que foi registrado. Discutir: Quais são os direitos? Quais são os deveres? Quais são os facilitadores (condições) das relações familiares?	5' expl. 5' preenc. 15' apres. 20' disc.  T: 45'	Ficha de trabalho Caneta Quadro de papel pardo Pincel atômico
<b>COFFE BREAK: 10'</b>				
4- Esclarecimento: Atendimento	- Informar aos participantes a possibilidade que o grupo oferece	Apresentação da proposta do atendimento		

<sup>2</sup> Adaptado do livro: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

Interdisciplinar	de <b>atendimento individual à família</b>	interdisciplinar em equipe ou direcionado para cada família	T: 5'	
5- Avaliação	- <b>Avaliar</b> a oficina e encaminhar o próximo encontro	Serão distribuídas as fichas de avaliação e o facilitador esclarecerá os tópicos aos participantes para que preencham a mesma	5' expl. 5' preenc. T: 10'	Ficha de Avaliação Canetas

## II ENCONTRO: "A DESCOBERTA"

### *Uma Viagem de Navio*

Convidamos vocês a participarem de uma história que vamos contar.

Pedimos para que fiquem de pé e se dirijam ao centro deste desenho que está no chão. Imaginem que aqui é um barco e que vocês irão fazer um passeio. Pedimos para que acompanhem e participem da história em silêncio, apenas com movimentos, gestos, sinais...

Imaginem que vocês estão no porto, aguardando a saída do barco.

Façam um reconhecimento do espaço, do que tem no barco, e de forma criativa, sem palavras, cumprimentem as pessoas, os companheiros da viagem.

O barco está saindo, vocês estão se distanciando do porto. Começou a viagem.

Imaginem o barco flutuando sobre as águas calmas, sinta a brisa em seu rosto.

Observe o sol, o céu azul, o mar, ao longe uma ilha com muitas árvores, pássaros...

De repente uma nuvem escura se aproxima, está carregada, começa a ventar forte.

As ondas começam a balançar o barco, o mar está agitado. Todos precisam equilibrar-se.

Começam a cair os primeiros pingos de chuva, surgem no céu raios e trovões.

A tempestade aumenta e você precisa enfrentá-la.

Chove muito, o vento sopra, o barco começa a balançar de um lado para o outro.

Vira para o lado direito... Para o lado esquerdo...

Você precisa ser forte, mantenha o equilíbrio.

Aos poucos a tempestade se acalma e em poucos minutos a chuva diminui. O vento sopra mais suavemente e você volta a navegar calmamente.

O barco vai fazendo a volta, retorna e você começa a avistar o porto.

Prepare-se para o fim da viagem, para a chegada em terra firme.

O barco atraca e você desembarca.

(Pedir aos participantes que voltem para seus lugares).

Laboratório de Estudos e Práticas Interdisciplinares em Família e Saúde

II ENCONTRO: A DESCOBERTA

COMPONENTES DA FAMÍLIA	DIREITOS	DEVERES
Eu		
Companheiro		
Filha		
Filho		
Outros		

**ANEXO 4**

23





III ENCONTRO: "O QUE É SER CRIANÇA?"

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material	Facilitadores
Tempo de tolerância	- Esperar a chegada dos participantes.	- Colocar uma música para que possamos esperar a chegada das participantes.	T: 10'	- Aparelho de som e CD.	- Responsabilidade do auxiliar
1 – Esclarecimento	- Enfatizar o respeito ao grupo e a participação de todos a partir da distribuição do tempo.	- Colocar o cartão vermelho e amarelo; - Colocar sobre o tempo, que deve ser cumprido e as colocações devem ser breves, para que todos possam participar (só para Sandra, que não estava presente no último encontro); - Colocar que foi um destaque na avaliação do grupo essa participação, que todos tiveram oportunidade de expor suas idéias (falar a todas, como um ponto	T: 10'		1 – As facilitadoras devem estar atenta para que: - Se Sandra chegar mais cedo, pode-se falar com ela em particular sobre o cartão, visto que somente ela não estava presente no último encontro. Se isto acontecer, não será necessário tanto tempo para relembrar este acordo. - De qualquer forma é interessante relembrar a todas sobre este acordo que foi feito no último encontro visto que se passaram 3 semanas.

		positivo do uso do cartão).			
2 – O que é ser criança?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Levá-las a entrar em contato com o ser criança;</li> <li>- Refletir sobre o comportamento das crianças e suas características.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pedir que os participantes se acomodem;</li> <li>- Cada um receberá um pedaço de argila;</li> <li>- As facilitadoras explicam como será a atividade;</li> <li>- Ao iniciar a atividade, o auxiliar deverá colocar música;</li> <li>- Após o tempo determinado, cada uma apresenta o seu trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>5' explicar</li> <li>10' fazer</li> <li>10' brincar</li> <li>20' apresentar</li> <li>T: 45'</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- CD com músicas infantis (de preferência mais antigas), argila e lona preta para não sujar o chão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 – As facilitadoras deverão explicar a atividade: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nesta argila, os participantes terão que representar seu(s) filho(s) brincando no ambiente familiar.</li> <li>- Após alguns minutos, caso os participantes não tenham conseguido pensar em algo para fazer, as facilitadoras dão a seguinte dica: “Pode ser em algum lugar, com algum brinquedo, ou sem brinquedo, sozinho, com irmãos, com amiguinhos...”.</li> </ul> </li> <li>2 – Durante a atividade as facilitadoras deverão observar: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Se houve alguma resistência à atividade;</li> <li>- Se houve facilidade/dificuldade de brincar;</li> <li>- Se as idéias surgiram fáceis ou</li> </ul> </li> </ul>

					<p>difíceis para as participantes;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A criatividade dos participantes;</li> <li>- Se houve interação entre as participantes – elas conversam ou ficam quietas;</li> <li>- Se conversam, o que falam.</li> </ul> <p>3 – O auxiliar deverá escrever no papel pardo o que os participantes forem falando sobre o seu desenho. Se houver desenhos iguais, deverá repetir, pois a história não é a mesma. Assim, deverá escrever o que a participante desenhou e ao lado escrever <i>um pouco do que ela contou sobre o fato.</i></p>
3 – Exploração do conteúdo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir com os participantes como foi trabalhar com a argila;</li> <li>- Refletir sobre como está espaço da infância de hoje; como elas podem ampliar e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Após o término da apresentação dos participantes, as facilitadoras retomam o conteúdo que foi discutido durante a apresentação, “costurando” com a teoria, enfatizando as características de</li> </ul>	T: 30’	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenho/molde de que cada participante fez.</li> </ul>	<p>1 – Perguntar a participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como foi dividir o material;</li> <li>- Como vocês se sentiram fazendo/brincando com a argila;</li> <li>- Expliquem o que vocês fizeram;</li> <li>- Qual pensamento vocês tem quando</li> </ul>

	<p>espaço (devido às necessidades latentes que não deixaram existir);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir sobre características comportamento em geral criança.</li> </ul>	<p>SER criança.</p>		<p>vêm seus filhos brincando.</p> <p>2 – Ao final da apresentação das participantes às facilitadoras deverão discutir o que elas trouxeram, em cima dos seguintes pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento infantil: que cada idade tem suas características (e que muda de criança para criança) bem como necessidades que devem ser <i>satisfeitas</i> para o bom desenvolvimento da criança;</li> <li>- Características do comportamento da criança que são: <b>Alegria, Dependência, Desafio, Curiosidade, Experimentação, Desconhecimento e Socialização.</b></li> </ul> <p>3 – Sobre o espaço da infância de hoje, em relação a infância delas, refletir:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Onde as crianças brincam hoje;</li> <li>- Como elas brincam e de quê;</li> </ul>
--	--	---------------------	--	---

					- O que fazer para ampliar este espaço, porque como já foi dito, as necessidades de brincar continuam, mas os espaços estão diminuindo.
<b>COFFE BREACK – 10'</b>					
4 – Leitura da carta sobre os Direitos das Crianças <sup>1</sup>	- Leva-las a refletir sobre os direitos das crianças, resgatando um pouco sobre o encontro anterior.	- A auxiliar entrega uma carta para cada participante; - As facilitadoras explicam o que é esta carta; - As facilitadoras iniciam a leitura da carta; - O tempo de explicação sobre estes direitos dependerá do tempo que ainda restar até o final do encontro.		- Uma cópia da carta para cada participante.	1 – As facilitadoras, durante o coffe breack, deverão discutir o tempo que tem para esta atividade, para então: - Explicar o que é esta carta; - Dividir o tempo para explicar cada direito que for lido.
4 – Esclarecimento:	- Informar aos participantes à possibilidade que o grupo oferece de <b>atendimento individual à família</b>	- Dar exemplos com base nas avaliações feitas pelo grupo. Ex.: Alguém disse que tinha muita coisa pra falar, e o atendimento	T: 5'		1 – As facilitadoras devem falar as participantes que: - Conforme já foi explicado anteriormente, nos temos a intenção

<sup>1</sup> Retirada do Site da Ciranda da Criança.

Atendimento Interdisciplinar		serve para que a família possa estar conversando mais diretamente com os profissionais.		de estar atendendo a família de forma mais individualizada, ou seja, fora do grupo, para que as necessidades mais latentes possam estar sendo conversadas em um ambiente mais restrito; - Caso alguém do que se trata dar o exemplo (operacionalização) e dizer que este atendimento individual é para estas conversas mais diretas que no grupo não temos tempo de falar. 2 – Explicar que no final da folha de avaliação, está uma outra folha que deverá ser entregue também. Nesta outra folha, nós colocamos o nosso horário em que estamos disponíveis para este atendimento. Caso alguém esteja interessado, colocar nesta folha o horário que poderia vir, que ainda esta semana nos entraremos em contato para confirmar o
------------------------------	--	---	--	---

					atendimento. Não esquecer de colocar o nome na folha.
Avaliação	- <b>Avaliar</b> a oficina e encaminhar o próximo encontro	- Serão distribuídas as fichas de avaliação.	5' entregar 5' preencher T: 10'	- Ficha de Avaliação - Canetas	

OS DIREITOS DA CRIANÇA - UM RESUMO



**CARINHO**

O direito de não ficar em desvantagem

O direito de ser feliz

O direito à confiança

O direito de nascer

O direito ao colo e ao aconchego

**LIBERDADE**

O direito à liberdade

O direito de mostrar o que sente

O direito de ter limites

O direito de ser criança

O direito à fantasia

O direito de brincar

O direito de ser egocêntrica

O direito ao amigo imaginário

O direito de chorar

**DESENVOLVIMENTO**

O direito a alojamento conjunto



O direito de ter companhia

O direito de ser estimulado

O direito a uma oportunidade justa

O direito à fantasia

O direito de riscar e rabiscar

### **SAÚDE E CUIDADOS**

O direito à proteção

O direito de ser reidratado

O direito ao sono

O direito às vacinas

O direito de ter uma boa imagem

O direito aos exames pré-natais

O direito de mamar

### **RESPEITO E DIGNIDADE**

O direito de não ser rotulada

O direito de não ser comparada

O direito de lidar com a morte

O direito de ser reconhecida

O direito à não violência

O direito de ter confiança

**ANEXO 5**

Laboratório de Estudos e Práticas Interdisciplinares em Família e Saúde



IV ENCONTRO: "EDUCAÇÃO DOS FILHOS".

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material	Facilitadores
Tempo de tolerância	- Esperar a chegada dos participantes.	- Colocar uma música para que possamos esperar a chegada das participantes.	T: 10'	- Aparelho de som e CD.	- Responsabilidade do auxiliar
1 – Histórias em quadrinhos	- Refletir sobre algumas alternativas de comunicação e sobre a postura de educação entre pais e filhos.	1 – As facilitadoras explicam como se dará a atividade: - Dividir-se em duplas; - Cada dupla ficará com 3 histórias, uma sobre birra, uma de ciúme, e uma de desobediência; - As duplas deverão terminar a história conforme o exemplo delas, ou seja, como elas resolvem aquelas situações com seus filhos. - As histórias seguem em anexo.	5' explicar 10' para as duplas responderem 10' apresentar T: 25'		
2 – Reflexão sobre as	- Dar outras alternativas que	- Colocar as histórias fixadas na parede para que todos possam visualizá-las.	T: 45'		1 – Iniciar a reflexão com as seguintes questões:

<p>histórias</p>	<p>melhorem a comunicação entre pais e filhos; - Reforçar as alternativas que elas trouxeram que forem “boas”.</p>	<p>- As facilitadoras iniciam a reflexão a partir das histórias.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância da comunicação para o bom relacionamento familiar;</li> <li>- Importância do diálogo para que a criança perceba que é possível resolver os problemas através da conversa;</li> <li>- As recompensas não podem ser em longo prazo, pois a criança, perde a noção do tempo e junto à confiança.</li> <li>- Elogiar sempre que a criança respeita o que a mãe pede, pois sempre criticamos quando ela não respeita;</li> <li>- Tentar entender o que a criança quer demonstrar com tal atitude;</li> <li>- Todas as situações precisam de certa disponibilidade dos pais.</li> <li>- É preciso sempre ter algum ganho para que se tenha a</li> </ul>
------------------	--	--	--	--

					motivação para fazer algo.
<i>COFFE BREAK – 10'</i>					
Avaliação	- Avaliar a oficina e encaminhar o outro encontro	- Serão distribuídas as fichas de avaliação.	5' entregar 5' preencher T: 10'	- Ficha de Avaliação - Canetas	

**Carta na Manga: Relaxamento – após o café.**

- Proporcionar aos participantes um momento de relaxamento, em que consigam experienciar um momento tranquilo em família.
- CD com música de água, texto para relaxamento.
- Tempo total – 10'.

#### IV ENCONTRO: "EDUCAÇÃO DOS FILHOS".

##### BIRRA

1 – A mãe vai buscar o filho na creche, porém ela passou antes na feira e está cheia de sacolas. No caminho para casa, o filho pede colo. A mãe diz que não pode dar. O filho chora e se joga no chão.

##### *Alternativas:*

- Explicar antes de ir para casa que ela não irá no colo, pois a mãe está cheia de sacolas;
- Antes de sair da creche, sabendo que a criança não será levada no colo, e reconhecendo sua necessidade de atenção e afeto da mãe, que passou o dia longe da criança, dar um pouco de atenção e brincar com ela antes de saírem para casa;
- Respeitando o desenvolvimento da criança, e a sua necessidade de estar participando da vida da família, distribuir com ela uma sacola para que ela sinta-se responsável por algo e sinta-se útil;
- Animar o momento, a ida para casa, através de música ou histórias. Ir cantando ou contando histórias no caminho.

2 – A família vai para o centro. Ao passar por uma loja de 1,99 a criança vê um brinquedo que gostaria de ganhar. Porém a mãe não tem mais dinheiro, tem somente o passe para voltar para casa. A criança chora, bate o pé e briga com a mãe.

##### *Alternativas:*

- Aviso prévio. Antes de sair de casa, ou antes de entrar na loja, avisar a criança que não tem dinheiro hoje para comprar nada.
- Oferecer alternativas: depois de conversar que hoje não tem dinheiro, propor a mesma que outro dia irão no centro e vão comprar o brinquedo; Dar a sugestão de que façam um cofrinho para que quando a mãe não tiver o dinheiro, ele possa estar abrindo o cofrinho para comprar ele mesmo o seu brinquedo. É importante lembrar que quando se propõe uma troca a criança, esta deve ser cumprida, senão a criança perde a confiança e não irá mais respeitar quando a mãe tentar utilizar este recurso.

3 – Minutos antes da refeição, a criança enxerga o pacote de bala no alto da geladeira e pede uma para os pais. Eles não dão, alegando que está perto da hora da refeição. A criança chora e diz que não vai almoçar.

##### *Alternativas:*

- Usar um meio de comunicar idéias que transmitam limites sem utilizar ameaças, ataques e depreciações. Ex.: Depois de almoçar você poderá comer a bala.

### DESOBEDIÊNCIA

1 – Anoitece e os pais pedem que o filho entre para casa, e vai tomar seu banho. O filho diz: “agora não!”.

#### *Alternativas:*

- Aviso prévio. Dar 10 minutos antes de realmente chamar para tomar banho. Ex.: Daqui a 10 minutos você deve entrar para tomar banho.
- Dar sugestões. Ex.: Filho, você quer tomar banho agora ou daqui a 10 minutos? Manter a posição, e se ele preferiu depois de 10 minutos, chamá-lo e dizer que a escolha foi dele.
- Conversar sobre a importância do banho para a higiene e saúde do corpo.
- Tornar o banho um momento agradável. Colocar música, contar histórias...

2 – O filho está na sala brincando com seus brinquedos espalhados. A mãe quer arrumar a casa e pede que a criança junte e guarde os brinquedos, mas esta se nega em fazer.

#### *Alternativas:*

- Aprender com as conseqüências. No dia seguinte a criança vai procurar o brinquedo e não acha. Conversar sobre a importância de guardar os brinquedos da organização.
- Ajuda-los a guardar os brinquedos, estimulando e elogiando a atitude.

3 – A criança está doente e na rua está chovendo, quer ir para rua brincar. A mãe diz que ela não pode ir, mas a criança abre a porta e vai.

#### *Alternativas:*

- Conversar e explicar para a criança o que ela tem, porque está doente e porque não pode pegar chuva.
- Explicar ao filho qual o sentimento que a mãe terá caso ele vá para a chuva e fique mais doente. Falar a verdade sobre o sentimento que será provocado pela atitude do filho. Cuidar para que não se transforme em chantagem.

### CIÚME

1 – A mãe brinca com um dos filhos, o outro está assistindo TV, e ao perceber a brincadeira dos dois, ele sai da frente da TV e chama atenção arrumando briga com o irmão ou estragando a brincadeira.

#### *Alternativas:*

- Propor brincadeiras juntos ou incluir o outro na brincadeira (mesmo no faz de conta).

- Planejar a divisão das tarefas ou a brincadeira para que todos possam estar ativos, respeitando o ritmo de cada um.

2 – A noite chega, é hora de dormir e a criança quer dormir na cama de casal, junto com os pais.

*Alternativas:*

- Conversar e mostrar para a criança as vantagens de dormir em uma cama sozinha, que tem mais espaço...
- Abrir o jogo, dizer que é a hora que os pais tem para ficar junto, que eles namoram, e que eles gostam de ficar sozinhos.
- Quando a criança diz que tem medo, reconhecer o medo da criança e não tolera-lo ou criticá-lo, mas dar confiança para a criança de que caso ela queira alguma coisa é só chamar que os pais vão ver o que é. Os pais devem cumprir o que prometem.

3 – A família vai passear no centro. A mãe está com o filho mais novo no colo. O outro filho (mais velho), pede colo para a mãe.

*Alternativas:*

- O pai dá o colo ao filho mais velho. Caso este não queira, pega o filho mais novo no colo e a mãe pega o mais velho.
- Respeitar a necessidade da criança de sentir-se protegida e querida pelos pais.
- Conversar com o filho mais velho, dizendo que ele já está grande e que está pesado, então a mãe dará o colo em casa, brinca ... (trocas).



**ANEXO 6**



V ENCONTRO: "EDUCAÇÃO DOS FILHOS".

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material	Facilitadores
Tempo de tolerância	- Esperar a chegada dos participantes.	- Colocar uma música para que possamos esperar a chegada das participantes.	16:30 T: 10'	- Aparelho de som e CD.	- Responsabilidade do auxiliar
Avisos			T: 5'		1 – Lembra-las que este é o quinto encontro e que teremos mais 2, então encerramos as atividades; 2 – Dar espaço para que Pablini fale sobre sua saída da equipe. 3 – Dizer que Cristiane não foi por motivos pessoais, de saúde.
1 – Desenhando a educação em família.	- Refletir sobre algumas alternativas de comunicação e sobre a postura de educação	1 – As facilitadoras explicam como se dará a atividade: - Cada participante deverá elaborar uma história (começo, meio e fim), contando uma situação cotidiana sobre a educação dos filhos, do qual tem dúvidas ou que	16:45 5' explicar 20' fazer 10' apresent. T: 35'	- Aparelho de som, CD, Massinha, Giz de cera, Canetinha, Guache,	

	entre pais e filhos.	<p>queiram comentar.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Para elaborar esta história, as participantes terão um tempo para confecciona-las através de pintura, desenho, gravura ou massinha.</li> <li>- A história deverá ter um título.</li> <li>- Após a confecção dos desenhos elas deverão apresentar suas histórias.</li> </ul>		Revistas, Tesoura Cola e Papel.	
2 – Reflexão sobre as histórias trazidas pelas participantes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar suporte para as famílias nas questões de comunicação e educação dos filhos;</li> <li>- Reforçar as alternativas que elas trouxeram que forem “boas”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir com as participantes as situações que elas trouxeram e dar alternativas para elas.</li> <li>- Ressaltar os pontos do Termômetro para as relações familiares saudáveis.</li> </ul>	17:20 T:45'		<p>1 – Ao iniciar a reflexão das histórias, perguntar aos participantes qual o tema que surgiu em cada história. Pegar o primeiro tema e abrir para discussão.</p> <p>2 – Buscar alguns aspectos do termômetro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Aspectos da comunicação</li> <li>- Importância da comunicação para o bom relacionamento familiar;</li> <li>- Importância do diálogo para que a criança perceba que é possível</li> </ul>

				<p>resolver os problemas através da conversa;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- As recompensas não podem ser em longo prazo, pois a criança, perde a noção do tempo e junto à confiança.</li><li>- Elogiar sempre que a criança respeita o que a mãe pede, pois sempre criticamos quando ela não respeita;</li><li>- Tentar entender o que a criança quer demonstrar com tal atitude;</li><li>- Todas as situações precisam de certa disponibilidade dos pais.</li><li>- É preciso sempre ter algum ganho para que se tenha a motivação para fazer algo.</li></ul> <ul style="list-style-type: none"><li>* Vínculo positivo</li><li>* Organização do sistema familiar</li><li>* Lazer</li><li>* Rede de apoio social</li></ul>
--	--	--	--	--

					* Direitos 3 – Possíveis temas que surgirão: Limites; Ciúmes; Birra e a presença do Pai na Educação.
<i>18:05 – COFFE BREACK – 10'</i>					
Avaliação	- Avaliar a oficina e encaminhar o outro encontro	- Serão distribuídas as fichas de avaliação.	18:15 5' entregar 5' preencher T: 10'	- Ficha de Avaliação - Canetas	

**Carta na Manga: Relaxamento – após o café.**

- Proporcionar aos participantes um momento de relaxamento, em que possam experienciar um momento tranquilo em família.
- CD com música de água, texto para relaxamento.
- Tempo total – 10'.

**ANEXO 7**



VI ENCONTRO: "O CASAL".

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material	Facilitadores
Tempo de tolerância	- Esperar a chegada dos participantes.	- Colocar uma música para que possamos esperar a chegada das participantes.	16:30 T: 10' Até 16:40	- Aparelho de som e CD.	- Responsabilidade do auxiliar
1 – "Ajudando-se Mutuamente" <sup>1</sup>	- Refletir sobre a participação do companheiro nas responsabilidades familiares; - Discutir a distribuição de tarefas/ responsabilidades na família/ casal.	1 – As facilitadoras explicam como se dará a atividade: - o grupo será dividido em duplas; - cada um da dupla será amarrado, nos ombros, a um cabo de vassoura, de modo que estivessem crucificados. - cada um terá que abrir seu presente (chocolate) para poder come-lo. - Separar as duplas de modo que elas não se vejam fazendo a atividade.	16:40 5' explicar 5' amarrar 5' realizar 20' apresentar T: 35'  Até 17:15	- 2 cabos de vassoura; - cordão; - presentes para todas as participantes (chocolates).	1 – Levantar aspectos como: - Como foi a dinâmica; - Como se sentiram, comendo pela mão dos outro ou não comer; 2– Falar sobre: Relacionamento - Objetivos comuns; - Solidariedade; - Intimidade - Troca - responsabilidades

<sup>1</sup> Adaptado do livro: LEAL, Vera L. R. *Dinâmica de grupo: sensibilidade e integração*. São Paulo: FTD, 1997.

					-vida econômica da família - criação de filhos - trabalho
2 – Reflexão sobre o casamento.	- Repensar o sentido da relação.	1 – As facilitadoras devem perguntar as participantes: - Colocar música para relaxamento. que relação tem esta dinâmica com o nosso casamento; - o que é casamento para você; -o que dizem sobre o casamento (mitos): do parceiro ideal, e viveram felizes para sempre, os filhos seguram o casamento, mulher é melhor estar acompanhada -casamento é: relação casal, relação com filhos, relação com outras famílias, relação com posto, escola, trabalho	17:15 T:40'  Até 17:55		
<b>17:55 – COFFE BREACK – 10'</b>					
3 – Relaxamento	- Proporcionar aos participantes um momento de relaxamento, em que possam	- Leitura do texto de relaxamento.	18:05 T: 10'  Até		



	experienciar um momento tranquilo em família.		18:15		
4 - Avaliação	- <b>Avaliar</b> a oficina e encaminhar o outro encontro	- Serão distribuídas as fichas de avaliação.	18:15 5' entregar 5' preencher T: 10'	- Ficha de Avaliação - Canetas	

VI ENCONTRO - "O Casal" - Texto para Relaxamento

Sente-se confortavelmente.

Feche os olhos, procure esquecer tudo que está ao seu redor. Este é um momento só seu, não importa quem está ao seu lado.

Inspire e expire.

Imagine que você está com sua família em um lugar muito bonito, tranquilo. Vocês estão respirando um ar puro. Ouçam o barulho das águas... Os pássaros... Tudo inspira tranquilidade e paz, muita paz.

Imagine como é agradável estar neste lugar com sua família e que vocês podem controlar suas emoções.

Imaginem que controlando suas emoções vocês podem ser calmos, tranquilos e ter o domínio de suas vontades e de seus desejos.

Vocês sentem que estão mais fortes e cheios de energia.

Vocês percebem que a coragem faz parte de vocês.

Agora prestando atenção na sua respiração, inspire e expire profundamente.

Sinta a autoconfiança e o quanto vocês estão fortalecidos.

Vocês começam a fazer juntos algo que traz muita alegria e benefícios à sua família.

Com estas imagens na mente, voltem lentamente para o local onde você está (...) para a música.

Movimente lentamente os pés (...) As mãos (...) A cabeça.

Inspire e expire.

Aos poucos respire normalmente até sentir-se perfeitamente bem.

Abra os olhos e perceba todo o benefício que esse relaxamento lhe proporcionou e diga a si mesmo "Minha família é CAPAZ".

**ANEXO 8**



VII ENCONTRO: "A AVALIAÇÃO".

Atividade	Objetivo	Operacionalização	Tempo	Material	Facilitadores
Tempo de tolerância	- Esperar a chegada dos participantes.	- Colocar uma música para que possamos esperar a chegada das participantes.	16:30 T: 10'	- Aparelho de som e CD.	- Responsabilidade do auxiliar
1 - Apresentação da fita		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar a fita.</li> <li>- Perguntar as participantes:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se vêem nas atividades;</li> <li>- O que perceberam durante o processo (grupo).</li> </ul> </li> <li>- Em seguida as facilitadoras falam sobre os seguintes pontos:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que nós percebemos delas enquanto grupo (crescimento <i>grupal</i>);</li> <li>- O que nós aprendemos com elas.</li> </ul> </li> </ul>	16:40 20' Fita 20' elas 20' nós T: 65'	- TV, Video, extensão.	<p>CRESCIMENTO DO GRUPO:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito ao tempo no grupo (para que todos pudessem se colocar, na família. Cada um tem um tempo próprio, respeitar o momento de cada um).</li> <li>- Em alguns encontros nós falamos que vocês andavam rápido. Isto mostra que muitas coisas vocês já sabem, mas que é preciso estar sempre refletindo e se afirmando sobre estas questões. Vocês já sabem de alguns caminhos a seguir, mas não tomam a decisão. As respostas vão ser encontradas na família.</li> </ul>

				<p>- Percebemos dificuldades em relação às faltas, motivos. Como vocês perceberam o andamento do grupo com 50% dos integrantes em alguns encontros? Houve prejuízo no conteúdo?</p> <p>- Percebemos que elas têm dificuldade em diferenciar o que é direito e o que é dever</p> <p>- Grupo é solidário uma com a outra, uma aprende com a outra, puderam se desabafar, se sentir compreendidas. Procurar buscar espaços como este.</p> <p>- O grupo se envolve bastante e participa.</p> <p><b>O QUE APRENDEMOS COM O GRUPO?</b></p> <p>- Que elas valorizam este espaço como um local de aprendizagem, e gostam de estar no grupo e que devem continuar buscando participar de grupos para se fortalecer.</p> <p>- Este grupo já vem aquecido e isto facilitou o andamento do trabalho, pois vocês já estavam motivadas. Várias</p>
--	--	--	--	--

					<p>contribuições.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A importância do grupo para as participantes que muitas vezes falaram que o grupo é bom, pois “dá pra desabafar”.</li> <li>- Estes momentos são importantes para elas.</li> <li>- Vocês terem aceitado participar do grupo, é uma prova de que querem melhorar e nos ensinou que a gente deve estar sempre pronta para ir a busca, se aperfeiçoar.</li> </ul>
<i>17:45 – COFFE BREACK – 10’</i>					
4 - Avaliação	- Avaliar o processo do grupo.	<p>I - Será feito oralmente, onde as facilitadoras farão as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que aprenderam com o grupo;</li> <li>- Perceberam alguma mudança na vida familiar?</li> <li>- O grupo alcançou/atendeu as expectativas que vocês tinham?</li> </ul>	17:55 T: 30’		- As facilitadoras devem fazer rodadas para que os participantes respondam as perguntas.

		<ul style="list-style-type: none"><li>- o que cada uma vê que trouxe de contribuição para o grupo.</li><li>- Dificuldades encontradas e Pontos positivos: em relação à</li><li>- Equipe, ao grupo;</li><li>- Em relação aos temas;</li><li>- tempo/horário;</li><li>- Local;</li><li>- Linguagem dos facilitadores;</li><li>- Sugestões: se este grupo estivesse começando hoje, quais as suas expectativas em relação a este.</li></ul>			
--	--	--	--	--	--

Se houver tempo, incluir explicação sobre o Termômetro e a Borboleta.